

Feira de Campina Grande  
Patrimônio Cultural do Brasil



# Feira de Campina Grande

## Patrimônio Cultural do Brasil

Dossiê de Registro da Feira de Campina Grande  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Superintendência do Iphan na Paraíba

Campina Grande  
2017

Presidente da República  
Michel Temer

Ministro da Cultura (Interino)  
João Batista Moraes de Andrade

**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

Presidenta do Iphan  
Kátia Bogéa

Diretor de Patrimônio Imaterial  
Hermano Fabrício Oliveira Gaunais e Queiroz

Diretor de Patrimônio Material e Fiscalização  
Andrey Rosenthal Schlee

Diretor de Articulação e Fomento  
Marcelo Brito

Diretor de Planejamento e Administração  
Marcos José Silva Rêgo

Superintendente do Iphan na Paraíba  
Marcos de Albuquerque Cavalcanti Filho

Chefe da Divisão Técnica do Iphan na Paraíba  
Christiane Finizola Sarmiento

Chefe da Divisão Administrativa do Iphan na Paraíba  
Lindaci Bandeira de Souza

## **Equipe do Departamento de Patrimônio Imaterial**

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial  
Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

Coordenador-Geral de Identificação e Registro  
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Coordenadora de Registro  
Marina Duque C. de Abreu Lacerda

## **Prefeitura Municipal de Campina Grande**

Prefeito  
Romero Rodrigues Veiga

Secretária Municipal de Educação  
Iolanda Barbosa Silva

Secretário Municipal de Cultura  
Joselito Germano Ribeiro

Equipe responsável pela elaboração do Dossiê de Registro da Feira de Campina Grande

**Relatório Final**

*Redação (coordenação)*

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

*Redação e revisão de texto*

Átila Bezerra Tolentino

Carla Gisele M. S. M. Moraes

Emanuel Oliveira Braga

Valmir Pereira da Silva

**Inventário Nacional de Referências Culturais da Feira de Campina Grande**

*Coordenação*

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

*Pesquisa de campo e preenchimento de fichas*

Brenda Swyly Souza Barbosa

Deise Silva Sousa

Itallo Pereira Vale Leite

Valmir Pereira da Silva

Viviane Araújo

*Pesquisadores e produção de relatórios*

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

Márcia Maria Bezerra de Meneses

Maria do Socorro Duarte

*Colaboradores*

Carla Gisele M. S. M. Moraes

Emanuel Oliveira Braga

Franz Lima

Josemir Camilo de Melo

Larrissa Dantas Xavier Da Silva

Marcus Vinicius Dantas de Queiroz

Moysés Siqueira Neto

Rafaela Souza Silva

Renata Arnaud

*Entrevistados*

Adonhiran Ribeiro, Antônio Luna, Antonio Albuquerque da Costa,

Antonio Clarindo Barbosa de Sousa, Darlan Venâncio da Cruz,

Edinalva Laureano da Silva, Eliziário Taveira da Silva, Flaudemir Sávio Sousa Mendes,

Fernandino Barbosa de Arruda, Francisco (Dida do balaio), Francisco da Silva Brandão,

Francisco de Assis Ferreira, Francisco Fragoso dos Santos, Francisco Sales,  
Francisco Queiroz de Lima, Fredi Guimarães (Caboclo), Gilvan (barbeiro),  
Herculano de A. Souza, Inácia Firmino Bezerra, Inácio Florentino,  
Iponax Borges Vilanova, Jailda Carneiro, Janete Albuquerque de Souza (Suzy),  
José Martins Barbosa, Joseilton Xavier de Andrade (Itinho),  
Josemar (ex vendedor de frutas), João Amorim, João Ananias,  
João Crisóstono Moreira Dantas, João Farias Gouveia, João Marciel,  
João Vital da Silva (Lua Nova), José Alves Diniz (Boquinha),  
Josefa Maria da Conceição, Kalina (vendedora de galinha), Lindalva Pereira,  
Lindete Martins Pereira, Lindinalva (debulhadora de feijão),  
Luzia Antonia Maria da Conceição, Marcio Simões Vanderley, Marco Antonio Pereira,  
Manoel Cabral da Silva (Major Palito), Manoel Francelino Bezerra,  
Manoel Pereira da Silva (Massaranduba), Manoel Vidal de Sousa (Manoel Batata), Marcus Vinícius Dantas de Queiroz,  
Maria de Fátima (raizeira), Maria do Carmo Kober de Lacerda (Dona Carminha), Maria Lúcia Pereira,  
Maristela Ferreira da Silva, Olímpio de Oliveira, Renata Sales Silva,  
Roberto Pereira Sabino, Sandra Valdete, Severino Pereira de Araújo

**Oficina de Projeto Participativo**  
**“Qual sua ideia para a Feira de Campina Grande?”**

*Coordenação*

Marcus Vinicius Dantas de Queiroz

*Orientadores, colaboradores e parceiros*

Prof. Márcio de Matos Caniello (UACS/UFCG), Prof. Heitor de Andrade Silva (CAUUFCEG), Prof. Mauro Normando Macêdo Barros Filho (CAUUFCEG), Profa. Miriam de Farias Panet (CAUUFCEG), Prof. Iranilson Buriti de Oliveira (UAHis/UFCG), Prof. Lincoln da Silva Diniz (UAG/UFCG), Prof. João Batista Guedes (UADesign/UFCG), Profa. Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa (UADesign/UFCG), Prof. Carlos Alejandro Nome (CAUUFPE), Profa. Luciana Andrade dos Passos (CAUUFPE), Prof. Ney de Brito Dantas (CAUUFPE), Maria Verônica Ribeiro do

Vale da Costa (SEPLAN/PMCG), Anselmo Martins Dantas (SEPLAN/PMCG), Marina Barroso de Carvalho (SEPLAN/PMCG), Silvia Maia Nascimento (SEPLAN/PMCG), Morgana Targino de Oliveira (SEPLAN, GVISA/PMCG), Camila de Almeida Vilar de Miranda (SEPLAN/PMCG), Fabiano de Melo Duarte Rocha (SEPLAN/PMCG), Marina Paiva Baracuhy (SEPLAN/PMCG), José de Araújo Batista (SEPLAN/PMCG), Bárbara Barbosa Tsuyuguchi (SEPLAN/PMCG), Luciano Diniz (GVISA/PMCG), Valmir Pereira da Silva (SEDUC/PMCG), João Matias de Oliveira Neto (SEPLAN/PMCG), Rodolfo Araújo M. Costa (SEPLAN/PMCG), Alba Valéria Cruz Melo (SEPLAN/PMCG), Maria do Socorro Dantas Ferreira (SEPLAN/PMCG), Josane Duarte (SEPLAN/PMCG), Caroline Melo de Moraes Barroso (SEPLAN/PMCG), Jonatha Elvys G. Miranda (SEPLAN/PMCG), Edilza Vidal de Oliveira (SEPLAN), José Paulino da Silva Filho (SEPLAN), Gilmar Alves (SEPLAN), Joana D'Arc Araújo (SEPLAN), Raul Ramalho de Melo (SEPLAN), Najara Medeiros de Araújo (SEPLAN), Araci Brasil Leite de Arruda Câmara (STTP), Giovanna de Aquino Fonseca Araújo (SECULT/PMCG), Aguinaldo Batista (Gerente da Feira/SESUMA), Natália Ferreira de Queiroz Nome (StudioN), Emanuel Oliveira Braga (IPHAN), Carla Gisele Macedo Santos Martins Moraes (IPHAN), Pedro Freire de Oliveira Rossi (IPHAEP), Paula Augusta Ismael da Costa (IPHAEP), Fredi Guimarães, Gustavo Magalhães Silva Miranda (FAVIP), Daniel Duarte Pereira (UFPB/INSA), Luciano de Souza e Silva (IPHAN), Juliano Loureiro Celino Moraes de Carvalho (Senado Federal), Eudes Leal (SEPLAN/PMCG), José Maria Bezerra Filho (IPHAN).

#### *Extensionistas*

Alberto Vouban Burity de Oliveira Junior (CAUUFCEG), Andrea Carolino do Monte (CAUUFCEG), Bárbara Bezerra Fonseca (CAUUFCEG), Beatriz Brito Mendes (CAUUFCEG), Bianca Cristina Alves Albino (CAUUFCEG), Breno Vieira Crispim (CAUUFCEG), Erick Vinicius da Silva Cunha (CAUUFCEG), Jéssica da Silva Macedo (CAUUFCEG), José Felinto de Araújo Netto (CAUUFCEG), Fernanda Gomes de Macedo (CAUUFCEG), Pedro Henrique Vale Carvalho (CAUUFCEG), Sanderson Cabral Oliveira (CAUUFCEG), Myllena Miliann Silva Melo (CAUUFCEG), Agharad do Nascimento Setubal (CAUUFCEG), Renally Maria Clemente (CAUUFCEG), Eldon Evangelista de Oliveira (Design/UFCG), Osvaldo Salvino Araújo Filho (Design/UFCG), Ingrid Ellen Herculano dos Santos (Design/UFCG), Dennis Cláudio Ferreira (Geografia/UFCG), Valmir Borba de Araújo (CAUUFCEG), Vitor Trajano Silva Luna (CAUUFCEG), Pablo Raphael de Lacerda Ferreira (CAUUFCEG), Diogo Gomes Pereira Batista (CAUUFCEG), Beatriz Lemos Cavalcante de Carvalho Santiago (CAUUFCEG).



## **Agradecimentos**

Aguinaldo Batista  
Alexandre Tan  
Amanda Camylla Pereira Silva  
Antonio Luiz Cabral  
Claudia Vasques  
Claudio Nogueira  
Christiane Finizola Sarmiento  
Deyvesson Israel A. Gusmão  
Diana Dianovsky  
Emerson Saraiva  
Flávio Romero Guimarães  
Iolanda Barbosa Silva  
Isabel Maria Veiga de Oliveira  
José Maria Bezerra Filho (o Zeca)  
Kléber Moreira Souza  
Luciano de Souza e Silva  
Márcio Caniello  
Marlene Alves de Sousa Luna  
Marina Duque C. de Abreu Lacerda  
Olímpio Oliveira  
Romero Rodrigues Veiga  
Saulo Queiroz  
Umbelino Peregrino de Alburquerque  
Veneziano Vital do Rêgo Segundo Neto

**Documentário audiovisual**

*Título*

Feira de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil

*Roteiro*

Valmir Pereira da Silva

*Edição e pesquisa*

Átila Bezerra Tolentino

Carla Gisele M. S. M. Moraes

Emanuel Oliveira Braga

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

Valmir Pereira da Silva

*Edição e finalização*

Arison Silvino da Silva

*Textos*

Emanuel Oliveira Braga

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

Valmir Pereira da Silva

*Narrações*

Edivan Martins

Valmir Pereira da Silva

*Câmeras*

Denilson Tavares

Joe Reis

*Produção*

Ivo Junior

*Ator*

Geraldo Maia

*Direção de Fotografia*

Denilson Tavares

*Direção*

Paulo Henrique Braga

*Depoimentos (em ordem de aparição)*

Manoel Monteiro - poeta e cordelista (in memoriam)

Adonhiran Ribeiro - historiador

Olímpio Oliveira - vereador de Campina Grande

Seu Eliziário - barbeiro (antigo péla-porco)

Seu Bui - o “rei da gelada”

Seu Martins - raizeiro

Josebias Pereira - mangaieiro  
Seu Fernandino Barbosa - seleiro  
Seu Boquinha - flandreleiro  
Seu Dida - cesteiro  
Seu Chico - fateiro  
Valmir Gamela - sociólogo  
Ocupante do Casino Eldorado  
Aguinaldo Batista - Administrador da Feira Central de Campina Grande  
Giovanna Aquino - historiadora

*Artistas (em ordem de aparição)*

Canário (Felipe Batista) e Caboclo (Fredí Guimarães) - emboladores de coco  
Zé Lagoa e Francisco Sales - violeiros  
Biliu de Campina - forrozeiro  
Trio pé de serra Carlinhos do Arcodeon  
Unyemy e Cata das Águas – artesãos e músicos  
Companhia Mambembe de Teatro Major Palito  
Major Palito - palhaço (in memoriam)

*Demais aparições (em ordem de aparição)*

Seu Márcio Vanderley - fazedor de cocho  
Romero Rodrigues Veiga - prefeito de Campina Grande  
Veneziano Vital do Rêgo Segundo Neto- ex-prefeito de Campina Grande (2005-2012)

*Acervos*

CPDOC/FGV  
Diário da Borborema  
Francisco Pereira Júnior  
Gazeta do Sertão  
Giovanna Aquino  
IHGP  
INRC da Feira de Campina Grande  
Iphan/PB  
Roberto Coura  
UEPB  
UFCG  
UFPB  
Valmir Gamela

*Reportagens/documentários*

“Dia do feirante”- TV Itararé  
Vídeo Feira livre de Campina Grande, patrimônio Imaterial do Brasil, 2007

*Filmes*

“Feira de Campina Grande”, de Elyseu Visconti (1979)

*Músicas*

“Atirei no mar”  
Interpretação: Três Ceguinhas (Indaiá, Maroca e Poroca)

“Cabaré (Piano bar)”  
Composição: Ivor Lancellotti/Paulo César Pinheiro  
Intérprete: Nelson Gonçalves

“Campina de outrora”  
Composição e interpretação: João Gonçalves

“Feira de Campina”  
Composição: Major Palito  
Interpretação: Major Palito e Cia de Teatro Mambembe Major Palito

“Vendedor de caranguejo”  
Composição: Gordurinha  
Interpretação: Ary Lobo

Instrução Técnica do Registro da Feira Central de Campina Grande como Patrimônio Cultural do Brasil  
Processo Iphan nº. 01450.012500/2007-33

# Sumário

<b>1. Feira de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil .....</b>	<b>18</b>
A mobilização do Registro.....	19
Equipe de trabalho .....	23
O dossiê de Registro.....	26
<b>2. Histórias, mudanças e resistências.....</b>	<b>29</b>
A feira e a cidade .....	30
Os labirintos do comércio da feira.....	38
O linguajar da feira .....	51
A feira dos lazeres e prazeres .....	54
A Feira, seus trabalhadores e saberes .....	60
Buchada.....	67
Gelada.....	68
Balaios, cestos e caçuás .....	69
Debulha de feijão .....	71
Raizeiras.....	72

Barbearia.....	74
Seleiro.....	75
Fazedor de cocho .....	76
Flandreleiro.....	77
<b>3. A feira das feiras .....</b>	<b>79</b>
<b>4. Recomendações de Salvaguarda .....</b>	<b>88</b>
Problemas e demandas da feira.....	87
Indicações para o Plano de Salvaguarda.....	92
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>99</b>





Feira de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil

# 1. Feira de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil

As feiras livres são importantes referências que demarcam a formação dos caminhos, das fronteiras e das cidades no Brasil, consolidando identidades locais e distribuindo conhecimentos e objetos que traduzem a diversidade cultural da sociedade brasileira. Algumas feiras são tão ricas de influências econômicas e culturais que se enraízam no cotidiano de diferentes comunidades e segmentos sociais, marcando vivências coletivas do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida, sendo ao mesmo tempo lugar de pechincha entre feirantes e fregueses e lugar de intensas manifestações artísticas e políticas. É o caso da Feira Central de Campina Grande, na Paraíba.

A história de Campina Grande se confunde com a história de sua feira livre. Localizada no planalto da Borborema, região de transição entre a Zona da Mata e os Sertões, Campina sempre foi uma cidade-feira, antiga passagem obrigatória de viajantes e tropeiros, hoje espaço de circulação de trabalhadores e empreendedores da região.

Campina Grande não era simplesmente pouso, um lugar de descanso de pessoas e



Figura 1 – Movimento na feira de Campina Grande.  
Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.



animais em viagens. Era a estalagem, o ponto de alívio de uma longa jornada e, especialmente, um lugar de trocas de mercadorias e informações, lugar de fazer dinheiro e saber das notícias locais e do mundo<sup>1</sup>. Na grande Campina, podemos encontrar os produtos sertanejos, no atacado e no varejo, algodão, couro, carne, queijo, rapadura, mandioca e todo o tipo de alimento e utensílio de casa e do trabalho.

Ao longo dos anos, décadas e séculos, a cidade cresceu e se tornou uma das maiores referências do mercado da região, exercendo influência em todo o interior nordestino, especialmente nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Entre pechinchas e goles da gelada, a feira-cidade, ontem e hoje, é o sustento e lazer das famílias e gerações de feirantes e fregueses que continuam a fazer desse espaço um lugar especial em suas vidas. Um lugar patrimônio cultural do Brasil.



**Figura 2 - Feira de Campina Grande na década de 1970.**  
Fonte: Gazeta do Sertão (edição de 27 de junho de 1985).



**Figura 3 - Campina Grande na primeira metade do séc. XX.**  
Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.



## A mobilização do Registro

Após intensa articulação local entre a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura e grupos de feirantes, em 2007 a Prefeitura de Campina Grande solicitou formalmente ao Iphan o Registro da sua Feira como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Nesse momento, foi organizada, com ajuda de pesquisadores, professores e ativistas culturais da Feira, a justificativa do pedido de Registro, a caracterização das principais referências do lugar, bem como vasta documentação arquivística, bibliográfica e audiovisual, um abaixo assinado contendo centenas de assinaturas de fazedores e amantes dessa importante referência cultural e depoimentos gravados trazendo pessoas, geralmente públicas, interessadas e envolvidas com a solicitação de reconhecimento patrimonial.

Desde o início das mobilizações pelo Registro, técnicos do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI) e da Superintendência do Iphan na Paraíba realizaram visitas técnicas à Feira e perceberam a sua importância como lugar símbolo onde circulam saberes, ofícios e formas de expressão presentes na experiência cotidiana e na identidade do povo nordestino. Entretanto, o processo de Registro precisou ser interrompido, pois algumas reuniões entre a Prefeitura Municipal e o Iphan/PB acabaram revelando a existência de um



projeto de revitalização urbana da Feira que não respeitava as referências e demandas dos próprios feirantes e demais usuários do lugar, justamente no momento de mobilizações em torno do reconhecimento patrimonial que envolvia a comunidade local.

Após uma mudança de gestão municipal, em 2013, a Secretaria de Cultura de Campina Grande retomou os diálogos com o Iphan a fim de consolidar uma parceria para a produção do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) da Feira Central de Campina Grande, um recurso metodológico que serviu de base para a instrução técnica do Registro. As informações e os resultados desse trabalho<sup>2</sup>são a base para definição de temas fundamentais do Registro e das primeiras diretrizes do Plano de Salvaguarda.

A partir da identificação e reconhecimento de determinados valores culturais da Feira, uma Oficina de Projeto Participativo foi idealizada para discutir os problemas e as demandas relacionadas à requalificação dos seus espaços. A oficina “Qual a sua ideia para a Feira de Campina Grande?” mediou diálogos institucionais entre a associação de feirantes, o poder público local, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Iphan e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). A experiência ocorreu de modo colaborativo, trazendo as reuniões de trabalho para dentro da própria Feira, no pátio interno do edifício do Mercado Central.



Figura 4 - Plateia da Oficina “Qual a sua ideia para a feira de Campina Grande?”

Fonte: Arquivo da Oficina.



Figura 5 - Grupos de trabalho da Oficina “Qual a sua ideia para a feira de Campina Grande?” elaborando e discutindo propostas.

Fonte:Arquivo da Oficina.

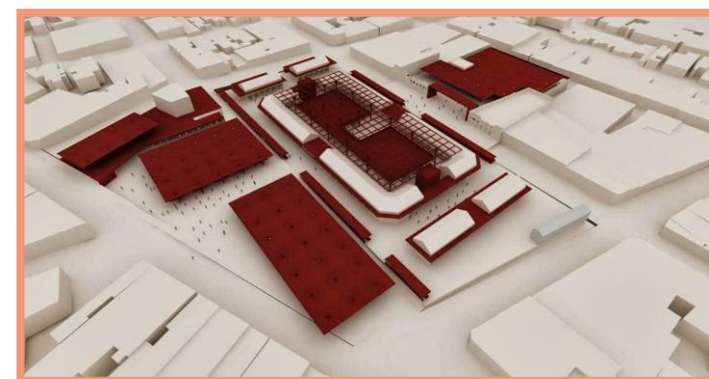


Além da definição dos primeiros apontamentos da Salvaguarda, esse momento possibilitou a organização e participação de feirantes e fregueses em espaços como a Prefeitura e a Câmara dos Vereadores, propondo melhorias para a Feira. A Secretaria Municipal de Planejamento, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, organizou várias assembleias divididas em segmentos de trabalhadores da Feira a fim de promover ajustes no projeto de requalificação urbana conforme demanda daqueles que vivenciam o espaço cotidianamente.



**Figura 6 – Simulação da proposta de requalificação da Feira de Campina Grande.**

Fonte: Prefeitura Municipal de Campina Grande.



**Figura 7 - Maquete eletrônica da proposta de requalificação da Feira de Campina Grande.**

Fonte: Prefeitura Municipal de Campina Grande.



## Equipe de trabalho

O processo de Registro da Feira Central de Campina Grande como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil contou com a participação de muitas pessoas que contribuíram de diferentes modos e em diferentes momentos para a consolidação do trabalho.

A organização do conjunto da documentação que forma o pedido original de Registro de 2007 foi realizada pela professora e historiadora Giovanna de Aquino Fonseca Araújo, responsável pela sistematização das informações fragmentadas em materiais escritos e audiovisuais. A documentação revela a mobilização de diferentes agentes locais em torno do Registro da Feira Central, especialmente de agentes públicos da Prefeitura, pesquisadores e artistas locais.

O trabalho do INRC da Feira de Campina Grande também foi coordenado por Giovanna de Aquino Fonseca Araújo, contando com a participação de professoras e professores da rede pública local e de estudantes universitários de diferentes áreas do conhecimento vinculados à UFCG, à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e ao Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (Cesed) do Centro Universitário Facisa. O



**Figura 8 - Equipe do INRC da Feira de Campina Grande.**  
Fonte: INRC da Feira de Campina Grande.



trabalho foi realizado entre os anos de 2013 e 2016. Para formação da equipe de trabalho do INRC, a Superintendência do Iphan da Paraíba disponibilizou o Técnico em Ciências Sociais Emanuel Oliveira Braga, a Técnica em Arquitetura e Urbanismo, Carla Gisele Moraes, e o Consultor Iphan/Unesco Moysés Siqueira Neto para acompanhamento de rodas de conversa na sede da Secretaria de Cultura de Campina Grande.

A Oficina de Projeto Participativo “Qual a sua ideia para a Feira de Campina Grande?”, que abriu um amplo debate público entre feirantes, fregueses, pesquisadores e instituições públicas como a Prefeitura, a Câmara dos Vereadores, o Iphan e o Iphaep, entre maio e junho de 2013, foi organizada e coordenada pelo professor, arquiteto e urbanista Marcus Vinicius Dantas de Queiroz, da UFCG, contando com o apoio produtivo das várias instituições envolvidas.

A elaboração do relatório final escrito e do documentário audiovisual (produtos que formam o dossiê final de instrução técnica do Registro) foi organizada, respectivamente, por Giovanna de Aquino Fonseca Araújo e pelo professor e sociólogo Valmir Pereira da Silva, que juntamente com os técnicos do Iphan/PB Emanuel Oliveira Braga, Carla Gisele Moraes e Átila Bezerra Tolentino, sistematizaram e sintetizaram o imenso conjunto de informações produzidas sobre a Feira Central, especialmente aquelas levantadas no trabalho do





---

inventário cultural e oficina de projeto participativo.

Todo o trabalho de identificação e reconhecimento de referências culturais da Feira e de avaliação dos primeiros apontamentos para salvaguarda contou com a valiosa contribuição de cada ativista, estudante, pesquisador, profissional e, é claro, do próprio fazedor da Feira livre, que disponibilizava parte do seu tempo para responder questões, fazer perguntas e propostas, participar como colaborador da pesquisa e, principalmente, como agente político representante da Feira, avaliando e redirecionando os próprios caminhos percorridos pelo Registro.



## O dossiê de Registro

O Dossiê que o leitor tem em mãos traz, de um modo sucinto e didático, informações relevantes sobre:

- a) o desenvolvimento do processo de Registro, desde o trabalho de elaboração do INRC até a busca de definição dos primeiros apontamentos para a salvaguarda da Feira situados especialmente na Oficina de Projeto Participativo;
- b) a história, os processos de continuidade e transformação do lugar ao longo do tempo, atrelados aos diferentes significados atribuídos por feirantes, fregueses, agentes públicos e privados;
- c) a territorialidade da Feira, seus lugares especiais, seu caráter de resistência espacial e suas interfaces com meio urbano campinense e entorno nordestino;
- d) os saberes, ofícios, formas de expressão e edificações de valor histórico, artístico e comunitário;



e) as motivações que levam a Feira a buscar reconhecimento patrimonial como importante lugar que marca a memória, a identidade e o cotidiano nordestino e brasileiro dentro da diversidade cultural do país;

f) os bastidores da organização e desenvolvimento dos grupos de trabalho e das plenárias públicas da Oficina de Projeto Participativo, que resultaram na elaboração das informações sobre possíveis problemas e riscos encontrados na Feira, que necessitarão de estratégias e ações de salvaguarda direcionadas por representações de feirantes e fregueses em parceria com instituições públicas e privadas interessadas nas melhorias das referências culturais e socioeconômicas locais;

g) as ações de salvaguarda já desenvolvidas e em desenvolvimento na Feira ao longo do tempo que apontam importantes caminhos de gestão do bem patrimonializado.



Histórias, mudanças e resistências

## 2. Histórias, mudanças e resistências

Serra acima está Campina  
Grande é a sua feira  
Tem gente de toda classe  
Da primeira a derradeira  
Uns traz fardo na cabeça  
No balaio, no caçoá  
Trouxa, embrulho, saco, cesta  
Tudo serve, é só pegar  
Vem o caminhão roncando  
Carroceria entupida de gente  
Que compra, vende e sofre  
Mas ama a vida.

(Fragmento do texto teatral *A feira*, de Lourdes Ramalho)



## A feira e a cidade

A formação e transformação da cidade de Campina Grande estão intimamente imbricadas com o seu “mercado central”, um dos muitos nomes populares da feira de Campina Grande. No final do século XVIII, ainda sob o título de Vila Nova da Rainha, as relações comerciais desencadeadas pela Feira levariam a nascente urbe a se tornar um centro mercadológico que impulsionou a economia regional, a qual, associada à cultura algodoeira, acabou dinamizando a economia campinense, favorecendo o desenvolvimento local.

Situada nas bordas orientais do Planalto da Borborema, Campina Grande constituiu-se como um entreposto comercial para aqueles que atravessavam o rio São Francisco pelo interior e para aqueles que iam do Litoral para o interior e do Sertão para a costa. Tornou-se, desde sua origem, pouso obrigatório dos boiadeiros e tropeiros, mas, como constata o historiador Elpídio de Almeida:

Campina Grande não era simplesmente pouso, um lugar de descanso para animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal de longa caminhada. Aqui, operavam-se as permutas, as trocas comerciais. Vendiam-se os produtos do sertão, principalmente algodão, couros e queijos, compravam-se mercadorias para o abastecimento de zonas secas, em maior quantidade, gêneros



Figura 9 - A feira de animais em Campina Grande.

Fonte: SESC, 1964.



alimentícios, de preferência rapaduras e farinha de mandioca.<sup>3</sup>

A Feira Central de Campina Grande, portanto, promove o desenvolvimento da cidade e do seu entorno na medida em que sua importância é difundida por todos os cantos do estado da Paraíba e parte do Nordeste, consolidando sua histórica inclinação ao mercado.

No início do século XX, Campina Grande já vivenciava as transformações, conflitos e contradições sociais, característicos de um processo de modernização e urbanização, que atravessava a maior parte das maiores cidades brasileiras. A feira e a cidade compreendem, nesse contexto histórico, uma dinâmica social expressa pela diversidade e heterogeneidade dos sujeitos e do espaço urbano, na medida em que, migrando para o recanto da Serra da Borborema, sujeitos provenientes de matrizes culturais distintas (tropeiros, mascates, feirantes, comerciantes, doutores bacharéis, matutos sertanejos, grandes fazendeiros, posseiros, etc.) proporcionaram o desenvolvimento de uma feira e de uma cidade específica como um lugar de mercado. Para além disso, a Feira participa do processo de mudança da cidade, não apenas como lugar de trocas comerciais, mas de um intenso intercâmbio social de informações (políticas e econômicas), difundindo saberes, condutas e fatos do cotidiano.

Em 1907, com o advento da estrada de ferro, Campina Grande ganha novo impulso



Figura 10 - Movimento de feirantes e fregueses da feira de Campina Grande.

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1960.



Figura 11 - Cartão postal da Rua Marquez do Herval e Praça da Bandeira, em Campina Grande.

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.

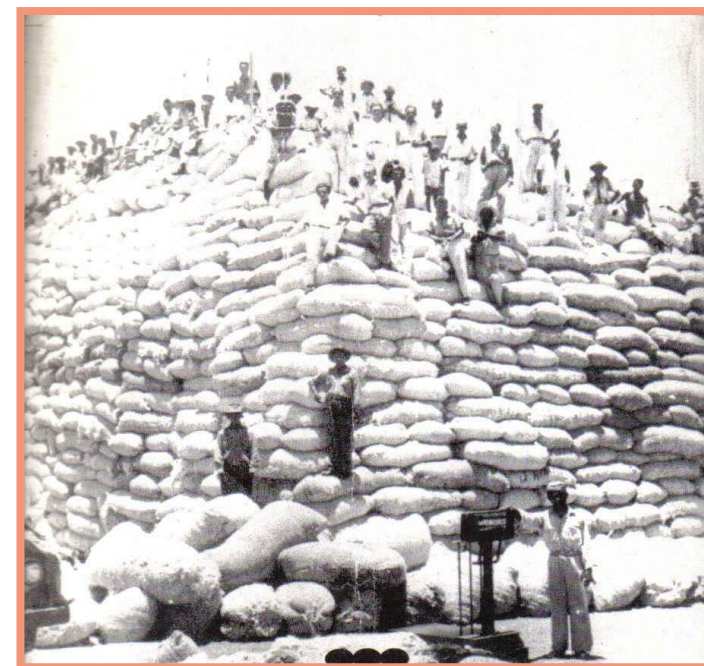


e, superando outras cidades com feiras concorrentes, amplia suas atividades comerciais para o interior nordestino. Em 1936, a feira de algodão campinense era a terceira praça do mundo. Como aponta o historiador Jair Araújo:

[...] Nesse momento o estado da Paraíba atendeu às necessidades do mercado britânico através da cidade de Campina Grande enquanto polarizadora deste comércio, ficando conhecida desde então como a “Liverpool do Brasil”, pois se tornou a maior produtora de algodão do Brasil<sup>4</sup>.

A importância histórica regional e nacional da Feira Central de Campina Grande também se deve ao fato de ter sido palco principal da Revolta do Quebra-Quilos no ano de 1874. Esse foi um movimento popular iniciado na Paraíba, que se opunha às mudanças introduzidas pelos novos padrões de pesos e medidas do sistema francês introduzido no Brasil colônia, por meio da Lei Imperial nº. 1157 de 1862. Os feirantes e fregueses da época utilizavam métodos rústicos do sistema tradicional de medidas, como palmos, jardas e polegadas. Os pesos, por sua vez, eram calculados em cuias ou arrobas. Consumidores e comerciantes desconfiavam do novo método “racional”, reforçado pelo fato de que já vinham sendo penalizados por uma grande crise econômica e social.

Inúmeros feirantes, comandados pelo feirante e líder negro João Carga D’água, se revoltaram contra o novo sistema de medidas e caminharam até o Açude Velho, por onde se



**Figura 12 - Sacas de algodão produzidas em Campina Grande.**

Fonte: Imagem da Internet (Acervo Edson Vasconcelos). Retalhos históricos de Campina Grande [online]. Disponível em: <<http://cgetalhos.blogspot.com.br/2010/10/campina-grande-desde-o-principio.html>>. Acesso em 12 abr. 2017.





estendia a Feira em Campina Grande, quebrando os novos utensílios de métrica e jogando os pesos e balanças nas águas como uma forma de protesto. O movimento expandiu-se aos municípios vizinhos, onde o *modus operandi* foi repetido, provocando pânico e desordem em Cabaceiras, Pilar, Areia, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Bananeiras, Guarabira, São João do Cariri e outros lugares onde se realizavam as feiras.<sup>5</sup> Assim, essa revolta tomou corpo e incidentes semelhantes também se repetiram em várias áreas do Nordeste. Ainda hoje as medidas rústicas de outrora são utilizadas na Feira Central, um sinal de silenciosa resistência à imposição de “regras de fora”.

Acompanhando os ciclos econômicos da região, a Feira Central teve de se adaptar e resistir às transformações urbanas da maior cidade do interior da Paraíba e aos anseios da influente política local. A Feira foi mudando de lugar ao longo do tempo. Durante o século XVIII, situava-se no Sítio Barrocas, rua Vila Nova da Rainha, próximo ao Açude Velho. Seguiu, então, para as proximidades do mercado de cereais de Baltazar Gomes Pereira Luna, conhecido como “Mercado Velho”, na Avenida Floriano Peixoto. Na segunda metade do século XIX, até o final dos anos 30 do século XX, a Feira fixou-se na Rua do Seridó, atual Maciel Pinheiro, no entorno do “Mercado Novo”.

Nos anos 1940, as intervenções urbanas modernizadoras e sanitaristas tornaram incompatível a convivência da Feira com os casarões da elite campinense e as vitrines do



Figura 13 – Rótulo de cigarro "Aos Quebra Quilos", fabricado por Lourenço J. de Freitas.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.



Figura 14 - Rótulos de cigarros "Aos Quebra Quilos", fabricados por Lourenço J. de Freitas.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.



comércio de luxo. Como solução, a feira de cereais foi transferida para o bairro das Piabas, próximo ao Mercado Público, onde já se localizavam a feira de gado e o meretrício, assumindo a configuração e localização que se perpetuam até nossos dias.

Seu crescimento promoveu, na década de 1950, a abertura de ruas para facilitar o acesso e a comunicação com outros setores da cidade e com centros urbanos vizinhos. A partir de então, a Feira foi crescendo em dimensões e em importância local e regional, fortalecendo o caráter de Campina Grande como cidade-mercado.

Antes de tudo, a Feira de Campina Grande foi, é e será um lugar forte, um lugar de resistência. Em suas dinâmicas de remoção, o que se observa é que para muitas gestões municipais campinenses as práticas tradicionais feirantes se tornam um estorvo, uma forma de detrito, que, sob o olhar de certa elite (econômica e política) urbana, emperram o progresso e o desenvolvimento moderno da cidade.

Concomitante ao desenvolvimento econômico da cidade, o crescimento dos espaços da Feira transformaria as práticas mercadológicas, que se espalhavam pelas ruas do centro da cidade, em um problema incompatível com os novos códigos de conduta, morais e higiênicos, que paulatinamente se instauravam nos discursos/práticas de parcela importante da sociedade (elites políticas, econômicas e intelectuais). Incômoda, a Feira tinha de ser

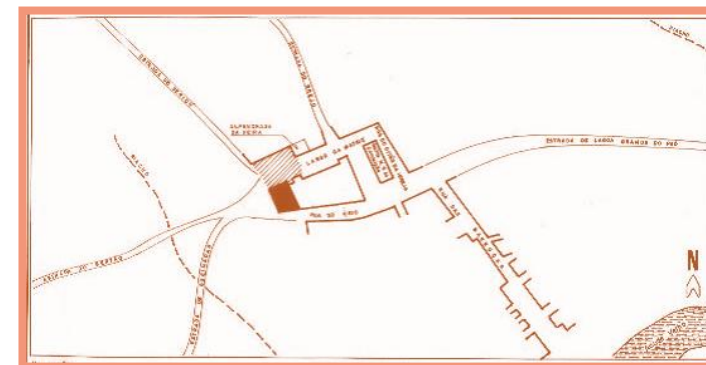


Figura 15 - Localização da feira de Campina Grande em 1826

Fonte: COSTA, 2006.



Figura 16 - Localização da feira de Campina Grande entre 1925 e 1941.

Fonte: COSTA, 2006.



deslocada ou removida dos olhares e olfatos mais requintados e exigentes da elite campinense. Medidas de saneamento, higienização dos espaços públicos e de combate a algumas formas desviantes de conduta moral, como a prostituição e a mendicância, eram as principais reivindicações e ações entre aqueles que defendiam uma reordenação dos espaços urbanos centrais, como pré-requisito exigido pela mentalidade higienista que se construía.

Tentava-se tirar a Feira do centro da cidade, mas não era possível destituí-la do *status* de principal pólo de abastecimento alimentar de Campina Grande, de lugar privilegiado onde a troca e difusão de informações sobre as coisas da cidade e da região, concorreriam com a venda de mercadorias. A Feira realocada sempre produziria uma nova e poderosa centralidade urbana e política. Notícias de todo o Estado, do país e do exterior tinham na Feira o lugar de seu comentário ou execração pública.

Isso aqui é o coração de Campina Grande, meu amigo, isso aqui é o centro, o Mercado Central é centro. O que falta é organização, nós tamo bem no centro de Campina Grande. Eu passo o dia aqui. A minha casa é aqui. Chego aqui quatro e meia e cinco da manhã. Saio daqui cinco e meia, no máximo. Pronto, só tenho a noite. Fico aqui a semana todinha durante o dia. Só não no domingo, no sábado até o meio dia. (Seu Antônio da Silva Oliveira, vendedor de hortifrutigranjeiros)

Para onde ia, a feira transformava a paisagem local, com o amontoado colorido de suas barracas e mercadorias expostas em bodegas, ruas e calçadas. Um ponto de encontro de



Figura 17 - Movimento de pessoas na feira de Campina Grande.

Fonte: CPDOC, Fundação Getúlio Vargas.



feirantes, artesãos, boêmios e poetas populares. Um lugar de tensões e decisões que direcionavam os rumos da política local e o próprio destino do comércio da Feira.

Atualmente, a Feira de Campina Grande é uma das maiores e mais intensas praças comerciais livres (“no meio da ruas”) presentes no território brasileiro. Apresenta forte relação com o espaço urbano em que se insere, estando no mesmo local há sete décadas, preenchendo um espaço de aproximadamente setenta e cinco mil metros quadrados, com ocupação intensificada e ampliada nos “dias de feira”. É distribuída através de nove ruas paralelas e perpendiculares<sup>6</sup>e por lotes edificadas de baixa volumetria. Funciona todos os dias da semana, exceto aos domingos, período reservado para as atividades de outra feira, no bairro da Prata. A partir da quarta-feira o movimento de pessoas e mercadorias passa a ser mais intenso, tendo o ápice de multidão aos sábados.

Na Feira, comercializa-se comercializada grande variedade de mercadorias: frutas, verduras, ervas, hortaliças, cereais, laticínios, carnes, animais (vivos e abatidos), calçados, roupas, acessórios para pecuária, alimentação pronta, dentre outras, além de serviços. Em seu entorno, dezenas de supermercados foram instalados, bem como restaurantes, panificadoras, centros comerciais, elementos da contemporaneidade, que ora concorrem, ora complementam com os serviços anteriormente presentes na feira. Apesar da delimitação espacial por essas determinadas ruas-feira (vias que tornam interdependentes os “setores” do



Figura 18 - A feira de Campina Grande na década de 1970.

Fonte: CPDOC, Fundação Getúlio Vargas.



Figura 19 - Movimento de pessoas na Feira de Campina Grande contemporaneamente.

Foto: Valmir Gamela.



comércio livre), as práticas de negociação extrapolam os limites físicos da Feira Central, considerando também os sujeitos que negociam seus produtos nas calçadas e no chão ou, como dizem, “na pedra da rua”.

Contemporaneamente, diversificou-se, assumindo e absorvendo novas faces, readaptando suas formas de negociação e ampliando o repertório de bens comercializados. Coexistem, na Feira livre central e seu entorno, várias modalidades do mercado contemporâneo:

Assim convivem, no âmbito do espaço comercial central na cidade de Campina Grande, segmentos diferenciados do comércio popular. Por um lado, vê-se uma reprodução clara do comércio capitalista global, com a fixação e concentração dos ex-ambulantes. Por outro, vê-se a permanência das formas comerciais populares tradicionais, como a feira livre central. Além, é claro, de ainda vermos os novos adeptos da informalidade, que encontram-se espalhados pelo centro da cidade<sup>7</sup>.



## Os labirintos do comércio da feira

À primeira vista, a um olhar mais desatento, pode-se tomar a Feira como um lugar caótico e desorganizado. Entretanto, uma percepção mais aguçada sobre esse “mundão de coisas” ou uma observação mais atenta a partir dos seus espaços de sociabilidade acabam revelando realidades bem peculiares deste ambiente caracterizado pelas trocas.

Adentrar no espaço da Feira é um exercício não só etnográfico, mas requer do visitante orientação constante, sob pena de ficar perdido em um grande labirinto. Ruas estreitas com barracas enfileiradas, expondo mercadorias variadas, que se misturam entre si, promovendo intercâmbio de produtos e serviços que se complementam. Há, portanto, uma organização espacial-setorial *sui generis*, própria dos feirantes, atendendo às demandas dos fregueses. Ao se perguntar a um feirante como se faz para chegar à feira de galinha (um dos setores da Feira Central), obteve-se a seguinte resposta:

Para ir à feira de galinha, é melhor descer pela feira de queijo com a feira de verduras e frutas. Fica do lado da feira de raiz.

Os acontecimentos do dia a dia na Feira se desdobram na profusão de vendedores

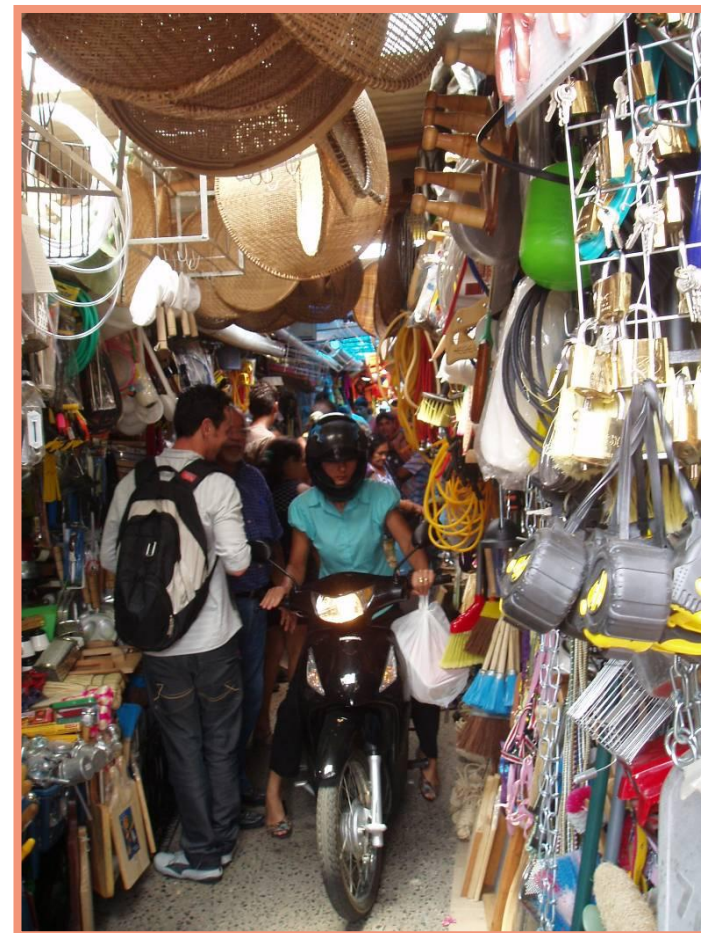


Figura 20 - Labirintos da feira de Campina Grande.

Fonte: Acervo Iphan/PB. Foto: Emanuel Oliveira Braga (2010).



ambulantes que invadem suas artérias, buscando cativar transeuntes com os mais diversos tipos de produtos, que vão de temperos secos a miudezas ou utilidades domésticas. São flores dispostas ao lado de vasos, queijos em bancos de doces e bolos, roupas próximas a calçados. Como se não bastasse, após a caminhada em meio a esse labirinto, encontra-se a gelada (suco feito com água de coco) para refrescar e amenizar o visitante ou o freguês do calor intenso. O caráter labiríntico da Feira livre é bem observado pelo historiador e feirante Adonhiran Ribeiro:

A Feira é, na verdade, um caos organizado, o que é contraditório. Mas isso tem a ver com o fato de que a feira segue sua própria lógica. Então, para quem não conhece a feira, aparentemente aquilo ali é uma grande loucura, não é? Uma coisa caótica e labiríntica. Mas na verdade existe ali não apenas uma lógica de ocupação espacial, que evidentemente os comerciantes da feira conhecem muito bem e os frequentadores assíduos. Então, nesse sentido, quando você conhece a feira, você percebe que existe não apenas uma perspectiva econômica, mas na verdade a feira é um grande museu antropológico, um grande espaço sociológico, histórico, cultural. E aí quando a gente descobre isso, quando a gente percebe isso, passa a ver a feira a partir de outros referenciais de divisórias espaciais.

A Feira se subdivide em diversos setores ou microfeiras. A composição interna de conjunto, aparentemente distribuído de forma desordenada por entre as ruas, abriga um



comércio amplo e diversificado. Um caminhante que desvenda a Feira depara-se, numa das “pontas”, com a mistura de aromas da feira de flores, fumo e cigarros. Adentra o setor de redes e tapetes, onde se depara com vários artigos de tapeçaria artesanal, vindos de municípios com tradição na produção de redes no estado. Atravessa as feiras de feijão e de cereais, onde são vendidos vários tipos de grãos, exibidos em sacos de vários quilos e, quando vendidos, colocados pelo feirante em pequenos sacos, conforme a quantidade desejada pelo freguês.

A venda de roupas e sapatos é conjugada, funcionando parcialmente “aberta”, em barracas na rua, e parcialmente abrigada, em boxes de alvenaria, em um local vizinho ao Mercado Central, conhecido pela população como “terreno dos Martins”. Há também a “feira de mangaio”, onde se encontra “de tudo”, um grande sortimento de produtos. Na feira de laticínios, mais adiante, o caminhante encontra derivados de leite variados, como queijo coalho, queijo de manteiga e queijo de cabra. Para sua comodidade, está próxima da feira de bolos típicos, sendo mais procurados os bolos “engorda marido”, ligado, pé-de-moleque, fofo, de coco, de macaxeira, de batata, de mandioca e de leite.

Seguindo, encontrará a feira de doces, com oferta de vários tipos de doces, entre os quais doce de leite, galinha de açúcar, rasga-boca, puxa-puxa, quebra-queixo, doce de mamão com coco e cravo da índia, rapadura batida e rapadura preta, além de sequilhos e



Figura 23 - Setores da feira de Campina Grande.

Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.





sordas, também muito comuns em feiras e mercados mais tradicionais. Não raro, encontra-se numa mesma barraca a oferta de queijos, doces e bolos, pois são setores com grande permeabilidade e comunicação dentro da Feira.

O Mercado Central abriga as feiras de carnes bovinas e suínas, de aves e de peixes e crustáceos. Os boxes destas feiras são feitos em alvenaria com revestimento cerâmico e estão abrigados pela grande cobertura em telha de alumínio do mercado. Estes produtos dividem espaço, dentro do Mercado, embora em menor quantidade, com boxes vendendo produtos perecíveis, temperos e ervas. Margeando o Mercado Central e seguindo pelas ruas limítrofes rumo a outros setores da Feira, o comprador segue para as compras dos hortifrutigranjeiros nas feiras de frutas e verduras.

A feira de frutas e verduras (que pode ser chamada de “hortifrutigranjeira”) é considerada a maior de todas. Espraia-se por toda a extensão lateral do Mercado Central<sup>8</sup>, ocupando quase toda a extensão da rua Pedro Álvares Cabral, interligando-se com a rua Deputado José Tavares, formando um grande “L”. Nesse setor, duas fileiras de bancos e balaios ajudam a formar um grande corredor por onde as pessoas se deslocam. Ela apresenta ao freguês um farto panorama colorido de frutas com presença não só das mais conhecidas (bananas, laranjas, etc.), como também dos sabores regionais existentes: o umbu, o cajá, a pitomba, o sapoti e tantos outros frutos que contribuem para a exalação de um aroma forte



Figura 24 - Feira de hortifrutigranjeiros.



e ácido espalhado pelo ambiente. O comércio das frutas, na sua maior parte, é feito no chão, em balaio ou em amontoados que chegam, às vezes, a um metro de altura, onde são escolhidas à vontade pelo freguês. Os fruteiros, para convencerem os compradores, fazem questão de oferecer prova de um fruto qualquer aos que passam. É costume dos fregueses, também, provar frutos menores, sem que seja necessário dar satisfação ao proprietário.

A feira de verduras, espalhada por muitas partes da feira, concentra-se, sobretudo, na rua Deputado José Tavares, expressando toda a fartura e o amontoado colorido de alfaces, coentros, tomates, batatinhas, berinjelas, cebolas etc., alimentos predominantemente produzidos no Brejo paraibano.



Figura 20, Figura 214 e Figura 22 – Feira de frutas e verduras.

Fotos: Valmir Gamela.



Figura 25 – Feira de frutas.

Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.

Em frente à entrada principal do Mercado Central, existem bancos que negociam



vários tipos de queijo (coalho, manteiga, de cabra, etc.) e doces (goiaba, banana, caju, coco, jaca, quebra-queixo, etc). Estamos na feira de queijo e doce. Na outra parte da rua, outra fileira de bancos faz o comércio de mais doces de frutas variadas conforme os seus períodos de safra. Ali temos doces vendidos no peso que se apresentam em cubos. Sua fabricação lembra os velhos sabões, pois são colocados dentro de latas cortadas como as usadas como formas para sabão.

Descendo pela feira de queijos e doces, atravessando o aroma das frutas e verduras da rua Pedro Álvares Cabral, encontramos mais abaixo a rua Manoel Pereira de Araújo e sua feira de galinhas, setor que resiste à modernização do setor agrícola instituindo na paisagem urbana fileiras e amontoados de garajaus<sup>9</sup>. Seus frequentadores geralmente são movidos pelo costume de comer uma boa “galinha de capoeira”, uma “galinha matriz”, ou mesmo um pato, peru ou guiné. Esse é o setor mais distante do mercado central. O freguês caminha em meio ao mostruário de animais vivos, onde pode comprar aves e solicitar o abate e retirada das vísceras ali mesmo, levando pra casa o alimento ainda fresco.

Retornando ao mercado central, encontramos as edificações que marcam e compõem a paisagem construída da feira, prédios que abrigam o comércio formal e alguns serviços. No seu interior, o freguês se depara com galpões para armazenamento de produtos,



**Figura 27 - Feira de laticínios.**

Fonte: Acervo Iphan/PB. Foto: Átila Tolentino (2010).



**Figura 28 - Feira de galinhas (pintura).**

Autoria: Erinaldo Sousa.



bodegas, barbearias, lanchonetes e comércios de pequeno e médio porte.

O Mercado Central merece destaque pelo conjunto de edificações que abriga. Por toda extensão lateral paralela à feira de calçados e na parte paralela à Rua Carlos Agra, em seu interior, encontramos diversas bancas e boxes de venda de cereais diversos, farinha e outros produtos industrializados. Aqui o freguês ainda pode pedir ao negociante para “pendurar” a conta, ou seja, anotar no velho “caderninho do fiado” aquela compra realizada, para ser paga, provavelmente, no final ou início de cada mês. Privilégio apenas para quem estabeleceu a relação de freguesia a um longo tempo. Este setor dentro do grande Mercado atribui-lhe um colorido todo especial, uma vez que predomina, no Mercado, o vermelho peculiar à comercialização de carnes e derivados de boi, porco, bode e ovelha.

Lá podemos encontrar a feira de “miúdos e xavecos”, direcionada mais especificamente a uma população pobre, mas que também atende a uma classe média que compra a carne para os cachorros, bem como para o preparo de buchada e da feijoada.

Liderada por mulheres, a feira de flores, com seu colorido e perfumes característicos, é um dos locais mais aprazíveis e bonitos de se ver por conta da variedade de espécies e de plantas comercializadas na Rua João Manoel Farias Leite, um lugar que concentra uma clientela de maior poder aquisitivo. Durante as datas sacras e comemorativas, esse setor



Figura 29 – Feira de cereais.

Foto: Valmir Gamela.



Figura 30 – “Caderninho do fiado”.

Foto: Valmir Gamela.



recebe um maior número de consumidores e visitantes, em busca de arranjos para presentear um afeto ou enfeitar recepções e ritos religiosos. Em seus caminhos e percursos, a feira de flores compartilha seus espaços com barracas de latas e sacos, que são utilizados na preparação de mudas de plantas.



Figura 31 e Figura 32 – Feira de flores.

Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.

Em contiguidade à feira de flores, há um lugar dedicado às representações da religiosidade brasileira com barracas e casas que comercializam os mais variados artigos religiosos, esculturas, imagens e uma infinidade de defumadores, velas, “colares guias”,



Figura 33 - Feira de flores.

Foto: Valmir Gamela.



simbologias que dividem o mesmo espaço da feira com alguidares<sup>10</sup>, potes e vasos de cerâmica.

A feira de “latas”, ou flandres, situada entre as ruas Manoel Pereira de Araújo e Carlos Agra, é uma feira de miudezas e utilidades gerais. Ali o metal presente em conservas de óleo e de leite, como também em folhas grandes de flandres, é cortado e transformado em lamparinas, peneiras, ralos, bacias e brinquedos. Ali também pneus velhos de automóveis ganham utilidade em recipientes de lixo ou balaios.



Figura 34 e Figura 35 – Artigos vendidos na feira de flandres.

Fontes: Acervo Iphan/PB (Foto: Emanuel Braga) e Acervo INRC da Feira de Campina Grande.



Figura 36 – Seu Boquinha, flandreiro.

Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.



A feira de latas ainda vende todo tipo de produto de uso doméstico: pratos, jarras, travessas, copos, peneiras, objetos decorativos e uma infinidade de outros produtos de plástico, porcelana, esmaltado, madeiras e metal. Muitos desses produtos também são encontrados na feira de louças e panelas, juntos das ferragens e louças artesanais.

Contígua à feira de latas, encontramos a feira de ferragens com todo tipo de objetos do ramo. Peças de qualquer eletrodoméstico ficam expostas, amontoadas sobre lonas, papelões ou plásticos. A elas se misturam as ferragens de todos os modelos e finalidades, diante da criatividade popular na produção de bens utilitários, fabricados com o reaproveitamento de materiais e peças usadas de produtos industrializados, valorizando a criatividade e o fabrico (materiais como flandres, zinco, cobre e alumínio). Nesse espaço é possível deparar-se com os mais variados e inusitados objetos usados, como vasos e pias sanitárias, grades, basculantes, portas e janelas de ferro ou alumínio, expostos em frente a oficinas serralharias que também reformam e adaptam estas peças aos gostos do consumidor.

A feira de fumo, com seus modos próprios de preparar o tabaco e enrolar o fumo, é lugar de sociabilidades masculinas. Mas lá não se vende somente esse produto. Encontram-se cerâmicas, flores, mobiliários e passarinhos. Há também fogões a carvão, feitos de sucata



Figura 26 - Feira de fumo.

Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.



esmaltada, e plantas variadas em formas de mudas, colocadas dentro de pequenas latas usadas. Esse setor se destina à comercialização de fumo de rolo e à venda de outros produtos que lhe são complementares, como fósforo, cachimbo, papel para cigarro “pé de burro” ou o fumo picado e embalado em saquinhos de plástico. Geralmente o freguês, antes de adquirir o fumo, toma uma “lapada”<sup>11</sup> de catuaba e acende um cigarro para sentir o sabor e aroma do fumo.

No entorno dos edifícios do mercado, nos deparamos com as feiras de roupas e de calçados, concentrando-se nas ruas Cristovão Colombo e Antonio Sá e seus corredores de boxes e barracas da sulanca. Essas feiras mantêm proximidade entre si por serem produtos de grande aceitação no meio da população rural e urbana. Os comerciantes desse setor, comumente, apresentam um padrão socioeconômico mais elevado em relação aos feirantes de outros lugares da Feira. Muitos dos pontos comerciais da área de confecções são pequenas edificações em alvenaria, algumas com revestimentos cerâmicos e portas de rolo a fim de caracterizar uma ocupação duradoura e diferenciada, além de provadores reservados para a clientela. Esses pontos costumam associar a venda de produtos novos à prestação de serviços, como o conserto de roupas e calçados. Os corredores estreitos, protegidos do sol por meio de lonas, com as roupas penduradas, dão a esta feira um toque colorido especial.

O setor de alimentação fica localizado entre a feira de calçados e roupas e a feira de



Figura 38 – Feira de alimentação.

Foto: Valmir Gamela.





peixes, compreendendo pouco mais de uma dezena de “restaurantes barracas” e de bares. Apesar de existirem espalhadas pela feira várias barracas, bares e lanchonetes, esse espaço aglutina a maior parte desses estabelecimentos destinados ao consumo de refeições prontas conhecidas como PF (“prato feito”) e bebidas. Algumas barracas apresentam estado físico e higiênico bastante precário. Estando próximo à feira de peixes, absorve desta seus odores característicos. Esse setor atende a um público bastante heterogêneo, como prestadores de serviços, negociantes da própria feira, prostitutas das redondezas, empregados de estabelecimentos comerciais das proximidades, universitários, funcionários públicos, além da pluralidade de moradores dos bairros periféricos da cidade.

A referida feira de peixes é um dos setores mais peculiares da Feira. Atiçando o olfato dos fregueses, ela apresenta uma grande variedade de pescados e iguarias, com destaque para os bacalhaus, caranguejos e frutos do mar, alimentos que reforçam o cardápio nordestino.

Percorrer as ruas da feira é caminhar por um emaranhado de caminhos que sempre nos levam aonde queremos chegar. Vias que se entrecruzam com variedade de mercadorias, de serviços e de pessoas que entoam sons característicos, expressando a feira livre: “Pode chegar, vamo chegando freguesa”, “Moça bonita não paga, mas também não leva”, “Eita, dona Maria, abaixei e não levanto mais, chegaaa!” e outros são jargões de chamamento comumente utilizados pelos feirantes para atrair a atenção dos possíveis fregueses.



Figura 39 – Feira de peixes.  
Foto: Valmir Gamela.



Figura 40 - Feira de peixes.  
Fonte: Acervo Iphan/PB. Foto: Emanuel Braga (2010).



Geralmente a frase de chamada ou convite é acompanhada de estridentes batidas de palmas e manejos teatrais e malabarísticos, artifícios gestuais que atraem o interesse dos passantes. O convite/chamado do vendedor integra o conjunto de práticas de negociação, constituídas numa relação de barganha entre feirante e freguês.

A orientação espacial se dá a partir do estímulo aos sentidos inerentes dos frequentadores. Visão, audição, olfato, paladar e tato são evidenciados na relação freguês/feirante. O usuário mais tradicional da Feira percorre todo o labirinto com bastante familiaridade, geralmente com trajetos pré-definidos a partir do hábito de percorrê-la. E o balaieiro o segue, acumulando, aos poucos, os itens da feira do dia.



Figura 41 - Feira de miúdos e xavecos.

Foto: Valmir Gamela.



Figura 42 - Feira de ervas e temperos.

Fonte: Acervo Iphan/PB. Foto: Átila Tolentino (2010).



## O linguajar da feira

A orientação do transeunte na Feira é guiada, além dos aromas e percursos visuais, pela sonoridade dos feirantes em sua comunicação entre si e com a clientela. Expressões de “mei-de-feira” nos ajudam a perceber que estamos em um cenário peculiar, que possui um linguajar próprio que faz referência, ao mesmo tempo, ao campo e à cidade.

Essas expressões são evidenciadas nas falas não só dos artistas populares, poetas, cantores de viola e emboladores de coco, mas também nos feirantes que servem de inspiração para esses artistas do cotidiano.

O vendedor usa termos como “lapada” de cana, para se referir a uma pequena dose de bebida. “Mói” de coisa, para indicar uma grande quantidade de mercadorias. “Punhado”, para se referir a uma pequena porção, que cabe na palma da mão. Atribui nomes específicos aos cortes menos nobres da carne, como “xaveco”, “faúla”, “miúdo”, “fato” e “miçanga”, códigos linguísticos também conhecidos e apropriados pelos compradores.

Os carregadores de mercadorias são conhecidos como “cabeceiros”, “chapeados” ou “balaieiros”, pois carregam balaios e cestos em “rudias” ou “rodilhas”, como são conhecidas,



Figura 43 - Chamamento dos fregueses pelo feirante.

Foto: Valmir Gamela (2005).



Figura 44 - Relação de compra e venda entre feirante e freguês.

Foto: Valmir Gamela.



colocadas sobre a cabeça<sup>12</sup>.

Na negociação entre feirante e freguês, a “pechincha” é a arte da barganha, que envolve as astúcias de um e de outro, com vistas à redução do valor da mercadoria e, ao mesmo tempo, à venda do produto atrativo, raro ou encalhado no boxe do vendedor. “Piranguero”<sup>13</sup> é o comprador que não quer pagar o preço justo e há aquele que dá o “xexo” no vendedor, levando a mercadoria sem pagar por ela. Essa intensa barganha de uma e outra parte se torna ainda mais explícita na “feira do bacurau”, no final da tarde, quando a “boia” (produtos remanescentes) está com preços mais baratos e o feirante não quer ter que voltar pra casa com mercadorias não vendidas. Na maior parte das vezes, o freguês sai satisfeito com seu “mercadinho” (pequeno embrulho de papel com as compras do dia) e o feirante contenta-se em contar seu “apurado” do dia.

O Cordel, também conhecido como “jornal de feira” ou “folheto de feira”, agrega muitas vezes as expressões populares do mercado, e traduz cenas do cotidiano na Feira Central. Os folhetos são expostos nas barracas, pendurados em cordas ou cordões. A Feira de Campina Grande serviu não só de lugar de trabalho, mas também de inspiração para os cordelistas Antônio e Dedé da Mulatinha, irmãos que tinham banca de cordel na Feira até o ano 2010. E o saudoso Manoel Monteiro, falecido em junho de 2014, pernambucano que se tornou campinense por adoção. No clássico cordel Campina dos Meus Amores (2000) Monteiro



destaca a diversidade da Feira Grande, agregando todas as feiras em seu universo múltiplo:

Na nossa feira central tem de tudo que se queira,  
se você quiser comprar coisa importante, ou besteira,  
não procure em outro canto, se não encontrar na feira.  
Lá tem pegador de brasa, arreio, ferragem, sela,  
pote panela de barro, penico, alguidar, tigela,  
chapéu de couro e de palha, pilão esteira, gamela [...]¹⁴



## A feira dos lazeres e prazeres

Desde sua origem até a primeira metade do século passado, a Feira Central de Campina Grande representou, no interior nordestino, a feira das feiras, como principal fonte de abastecimento das outras<sup>15</sup>, mas também um lugar de lazer, jogos, festas, passeios e encontros. Ela é lugar de intenso intercâmbio de ideias e também se constituiu como ponto de difusão das notícias e acontecimentos políticos.

O universo da Feira campinense não é apenas um ambiente favorável ao comércio, mas também é propício a outras formas de sociabilidade, traduzidas em relações de parentesco, solidariedade e compadrio. A feira, de certa forma, é uma extensão da casa e dos núcleos familiares, reverberando comportamentos dessa intimidade. Além de produtos, nela há a trocas de favores, relações de confiança mútua e rede de dependências e hierarquias, o velho compadrio, tanto entre feirantes, como entre fregueses, como entre feirantes e fregueses. Familiaridade expressa em falas recorrentes como “não precisa levar mais feijão, seu Raimundo, o que pegou a semana passada ainda deve ter em casa”, ou “ não leve bode



hoje, dona Luiza, porque não está tão bom, semana que vem a cumade leva”.

A Feira adquiriu uma importância muito grande para a cidade, ultrapassando o seu papel comercial. Promoveu e ainda promove entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se congregam para estabelecer laços de sociabilidade, seja da Borborema, do Agreste, do Sertão ou da Zona da Mata. É, muitas vezes, ponto de encontro tradicional de amigos ou de simples conhecidos, escolhidos para os mais variados atos da vida social, que mantêm, assim, um sentido de permanência e de identidade.

Na Feira, as pessoas têm conhecimento das últimas notícias e boatos, são feitos anúncios de utilidade pública, manifestações coletivas ganham seu devido vigor. Comícios geralmente ocorriam e ocorrem em dia de feira. Espetáculos artísticos desenvolvem-se como forma de entretenimento; ela é um bom lugar para artistas divulgarem a cultura local.

Em meio ao colorido das frutas e verduras, em meio aos gritos diversos e estridentes dos vendedores, os flertes e namoricos acontecem. Aqui e ali uma piada ou estória engraçada contada entre amigos é seguida de muitos risos. São conversas por todos os lados sobre a família, sobre pabulagens<sup>16</sup>, sobre um amigo que faleceu, sobre uma alegria que se teve durante a semana, sobre desabafos, desgostos e lamúrias. As prosas se multiplicam na



Figura 27 - Violeiros repentistas.  
Foto: Valmir Gamela.



medida em que a Feira vai se enchendo da vontade de cada um em comprar frutas frescas, encontrar amigos ou parentes, que ficaram de lhe trazer ou lhe levar um recado. Não se economizam contatos físicos nos afetos: são apertos de mãos e abraços somados às recordações do passado, que resultam numa boa conversa e na interrupção das compras de ambas as partes<sup>17</sup>.

Como lugar de lazer e prazer, a Feira tem um espaço reservado para a chamada “zona do meretrício”, que compreende as adjacências da rua Manoel Pereira de Araújo. Essa zona funcionou em um primeiro momento mais fixamente na rua popularmente chamada de “rói couro” (antiga rua 4 de Outubro e atual Major Manoel Jovino do Ó). Com reformas urbanísticas no centro da cidade, a exemplo das “modernizações” promovidas pelo prefeito Vergniaud Wanderley realizadas na década de 1930, a zona foi se transferindo aos poucos para as proximidades da Feira Central.

Oficialmente chamada de rua Manoel Pereira de Araújo, a conhecida “rua boa”, sempre foi lugar de perdição, vício e boemia. Nesse endereço, funcionavam os cabarés de Sindá, Canarinho e o famoso Casino Eldorado, o bordel mais visitado por grandes proprietários e fazendeiros do país que iam a Campina Grande, sendo palco de grandes atrações nacionais que se apresentavam na cidade. Inaugurado em primeiro de julho de 1937, o Casino Eldorado, tombado em nível estadual pelo Iphaep, era conhecido pelas



Figura 46 - Casino Eldorado, na Rua Manoel Pereira de Araújo.

Foto: Valmir Gamela.



Figura 47 – Cabaré da feira de Campina Grande.

Foto: Valmir Gamela.





festas luxuosas, regadas a bebida e música, frequentadas por mulheres lindíssimas conhecidas como “as damas do Eldorado”. Despertava os sonhos da juventude que ficava sabendo, “por ouvir falar”, da exibição de grandes artistas, cantores, dançarinos, músicos<sup>18</sup> e, principalmente, das belas mulheres que desfilavam por seus salões com deslumbrantes vestidos inspirados na última moda parisiense<sup>19</sup>.

Na entrada da “rua boa”, aos sábados pela manhã, pode-se encontrar uma concentração de homens amontoados trocando ou comprando passarinhos e outros animais vivos. Outrora, esse era o momento para assistir e participar das famosas brigas de galos, diversão de muitos que frequentavam a Feira.

Enquanto nos tempos de sua integridade arquitetônica, o Casino Eldorado reluzia como templo de luxúria e falsa moral, no olhar de certa elite urbana campinense, hoje as ruínas do antigo edifício, cravadas no meio da feira de animais vivos, servem de palco para os mesmos desejos carnisais, agora mais popularizados e misturados aos recantos lúgubres da Feira-cidade, longe dos holofotes dos chiques cabarés e das canetas dos fiscais da higiene pública. Lugar especial da Feira bem traduzido pelo escracho de um de seus feirantes: “lugar de boa quenga é na feira de galinha”.

Atualmente a Feira é lugar-vitrine para realização de “eventos culturais”, que

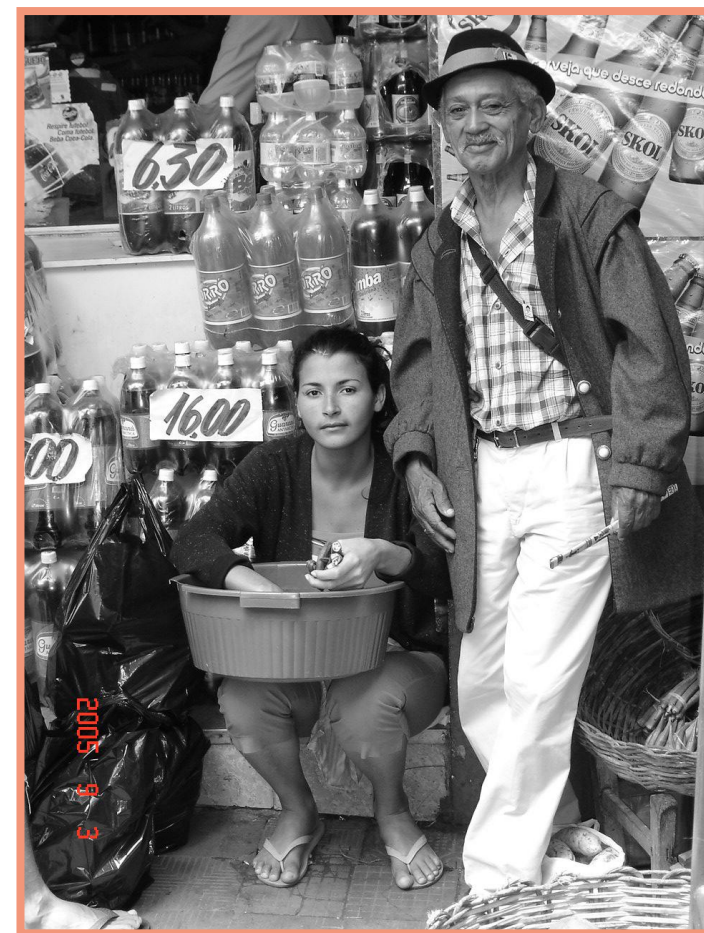


Figura 48 - Baixinho do pandeiro na feira de Campina Grande.  
Foto: Valmir Gamela.



ocorrem especialmente no centro do Mercado Central, em meio à feira de carnes, programações culturais acontecem periodicamente, a exemplo do chamado Dia do Rojão, iniciado em 22 de abril de 2006. Esse evento tem como objetivo fortalecer as atividades culturais, criando, assim, um espaço vivo e contínuo de manifestações de artistas locais. Atualmente acontecem no segundo sábado de cada mês apresentações de forrozeiros, repentistas, poetas populares, artistas afamados ou não no meio local e regional. No terceiro sábado de cada mês, é a vez de grupos de capoeiras, oriundos de diferentes comunidades da cidade, ocuparem esse importante espaço da Feira.

Os bares que ficam dentro do Mercado Central são também pontos de difusão da cultura local, a exemplo dos festejos de sábado, que ficam por conta dos violeiros e repentistas, no Bar da Dona Tereza. Lá é o ponto de encontro certo para conversas e bate papos, ao som dos violeiros tocando seus repentes, acompanhado da velha “lapada” de “cana de cabeça”. Referências culturais que conformam a identidade nacional estão presentes em cada parte: na voz dos cantadores, nos conjuntos de forró, nos cordéis. Alguns repentistas versejam sozinhos em troca de algum dinheiro. Outros, em dupla, disputam o agrado da plateia, sempre rivalizando, chamando as respectivas mães de nomes nada sérios. São os cantadores de viola, que agregam o repente e o coco de embolada. Essa prática é também chamada de cantoria, que se utiliza da arte e da técnica de improvisar com as palavras,



Figura 49 – Violeiros repentistas.  
Foto: Valmir Gamela.



criando versos em desafio ao outro cantador. Seus praticantes cantam sempre em dupla, alternando-se na composição de estrofes de acordo com parâmetros rígidos da métrica, a estrutura rítmica e a técnica de composição dos versos. É, portanto, uma mescla entre poesia e música, na qual predomina o improviso. O repente possui diversos modelos de métrica e rima e seu canto costuma ser acompanhado de instrumentos musicais. As formas de expressão Literatura de Cordel e Repente estão atualmente em processo de Instrução Técnica para Registro como Patrimônio Cultural do Brasil, ação que envolve várias representações de cordelistas e repentistas espalhados pelo país.

A Feira de Campina Grande é palco também de divulgação de grandes eventos que estão acontecendo na cidade, a exemplo do Encontro para Nova Consciência, do Festival de Inverno e das campanhas educativas e de prevenção à saúde (como a da vacinação, por exemplo). Também serve para práticas religiosas, uma vez que pessoas vão até a Feira para promoverem momentos de louvores. A sua gastronomia também agrada muitos paladares e promove a sociabilidade em torno das mesas dos bares e rodas de conversa onde são realizadas. Lá são oferecidos pratos como buchada, galinha caipira, bode guisado, picado de bode, carne de sol, fava, feijoada, feijão verde, caldos e outras iguarias, mostrando a diversidade e a variedade da culinária nordestina.



Figura 50 – Literatura de cordel e repente.  
Foto: Valmir Gamela.



## A Feira, seus trabalhadores e saberes

Eu perdi a mocidade  
Com os pés sujos de lama  
Eu fiquei analfabeto  
Mas meus filhos criou fama

Pelo gosto dos meninos  
Pelo gosto da mulher  
Eu já ia descansar  
Não sujava mais os pés

Os bichinho tão criado  
Satisfiz o meu desejo  
Eu podia descansar  
Mas continuo vendendo  
Caranguejo

(trecho do coco *Vendedor de Caranguejo*, de Gordurinha)



Figura 51 – Trabalhadora da feira de Campina Grande.

Foto: Valmir Gamela.



Campina Grande é conhecida no estado da Paraíba como a “capital do trabalho”. Neste sentido, a Feira também se constitui, antes de qualquer coisa, como lugar de trabalho, lugar de sustento, da labuta diária. Atribuem à Feira toda a existência, não somente deles, mas das gerações que os antecederam. Inclusive, por essa razão, os feirantes se queixam tanto do declínio comercial da feira, em função, sobretudo, dos “novos” locais de consumo (shoppings, supermercados, centros comerciais) que os fregueses passaram a ter, a partir dos anos 1970 e 1980. Sobre as feiras de bairro:

Convém destacar que a partir de 1970, atendendo à crescente urbanização nos bairros da cidade, outras feiras e mercados foram instalados: Feira da Prata, com seu Mercado Municipal Raimundo Viana de Macedo; Mercado do Jeremias; Mercado da Liberdade; Mercado Público Arthur Figueiredo Freire – no bairro [das] Malvinas; Feira e Mercado Público João Rique - no conjunto Severino Cabral; Feira e Mercado do Catolé; Feirinha do bairro José Pinheiro. Além das feiras semanais do produtor, que acontecem na Pirâmide do Parque do Povo, no largo da Estação Velha e no campus da Universidade Federal de Campina Grande<sup>20</sup>.

A partir de 1990, verificou-se também a proliferação de inúmeros camelôs posicionados nas calçadas, ao lado do comércio nas áreas principais do centro da cidade, além de um aumento significativo no número de pequenos empreendimentos familiares existentes nos bairros, como as pequenas lojas, armarinhos, mercadinhos, mini-boxes, fábricas de confecções e calçados, cabeleireiros, empreendimentos domésticos (casas que fornecem marmitas, confeccionam doces, salgados e comidas típicas regionais, casas de



consertos em geral etc.)<sup>21</sup>. Esse incremento dos comércios no Centro provocou também uma mudança do perfil dos comerciantes, que passaram a se dedicar a vender novos produtos e serviços, bem como a inserir, dentro da Feira, boxes e barracas que atendem a demandas até então inexistentes, contribuindo para sua diversificação.

Quando observamos os personagens, especialmente os feirantes, percebemos uma variedade de origens. Por um lado, há aqueles que se tornaram feirantes por acaso, como, por exemplo, os que se casaram com feirantes ou estavam em situação de desemprego e encontraram essa opção de trabalho informal. Por outro, a grande maioria, constituíram-se enquanto tais na própria Feira, aprendendo o ofício com seus pais, irmãos, padrinhos e outros familiares. A Feira de Campina é, portanto, um lugar que forma um bom número de pessoas para o trabalho.

Os saberes e as experiências são transmitidos de geração a geração, a filhos, netos e bisnetos de feirantes. É um trabalho que se distingue da totalidade de outros comércios também por isso, por ser uma atividade que vem passando de pais para filhos. Em vários setores é possível encontrar homens e mulheres que herdaram o banco dos pais, com quem trabalhavam e que na atualidade são ajudadas por netos, os quais prosseguem com aquele mesmo ofício que era do avô, como se observa na fala de uma feirante da feira de hortifrutigranjeiros:



Figura 52 e Figura 53 – Debulha de feijão por vários membros da família.

Fotos: Valmir Gamela.



Esse negócio de feira eu acho que é coisa de família mesmo, porque eu comecei a trabalhar com o meu pai. Eu era pequeno, esse banco aqui foi dele, ele já morreu, mas deixou o banco pra mim. Nesse setor aqui é quase todo mundo da família, tem um irmão aí em frente, lá adiante tem uma cunhada, tem um bocado de primos [...].

A Feira central consegue reunir grande representatividade do povo campinense, uma vez que nela encontramos uma diversidade de saberes e fazeres que compõem o trabalho e a vida dessa população. Pode-se ver, a partir de relatos de feirantes, que não se trata apenas de pessoas que trabalham na feira, mas homens, mulheres e até crianças que ocuparam, muitas vezes “herdaram” aquele lugar e lá fincaram raízes por longos anos, constituindo legados familiares.

O feirante, este personagem complexo, que reúne a tradição de vários ofícios da Feira, ocupando seus espaços, animando os dias com suas expressões peculiares, perpetuando, em muitos casos, a arte do comércio dos seus pais, diversificando e atualizando a Feira, trazendo-a aos “tempos de hoje”, com velhos e novos repertórios de produtos, modos de negociar e formas de pagamento, é uma referência fundamental da Feira de Campina Grande. Ofício resistente que salvaguarda cotidianamente os saberes e fazeres locais.

Os fregueses, da mesma forma, são de diversas idades e de diversos estratos sociais.



Não há um perfil único do cliente que compra na feira, pois ele é tão diverso quanto o repertório de produtos oferecidos. A feira é sortida de feirantes e sortida de fregueses.

A feira é espaço de circularidade. Nela se iniciam e se encerram processos de produção artesanal e comercialização; nela circulam conhecimentos e práticas tradicionais aprendidas nos séculos anteriores e ainda reproduzidas e ensinadas; nela se forjam profissões, transmitidas nos círculos familiares, comunitários ou nas relações de apadrinhamento e vizinhança; nela se perpetuam práticas e modos de fazer muito próprios do local e se cultivam tradições; nela se fundem, se interconectam e se influenciam mutuamente estratos sociais diversos, nas relações entre feirantes e fregueses; nela se atualizam os processos de compra e venda, com a adesão a novas formas de pagamento e a um novo repertório de produtos com forte apelo comercial.

Podemos encontrar também, no turbilhão da feira, técnicas tradicionais que produzem, até hoje, ricos sentidos e experiências. Entre elas, temos o modo como se vende o fumo de rolo; a maneira de vender feijão, arroz, milho e outros produtos agrícolas em sacos (com a possibilidade de o comprador experimentar o produto “na hora”, com as mãos, sentindo os grãos entre os dedos), geralmente com o preço marcado em papelão; os cocos que são quebrados<sup>22</sup> para servirem de mostra e o ferro amarrado ao balaio para bater no coco com o intuito de saber se está bom ou estragado; o jeito de vender a banana em cachos,



Figura 54 – Fregueses no setor de alimentação.  
Foto: Valmir Gamela (2005).



Figura 55 – Xilogravura “A vendedora de feijão verde”.  
Autoria: Josafá de Orós.





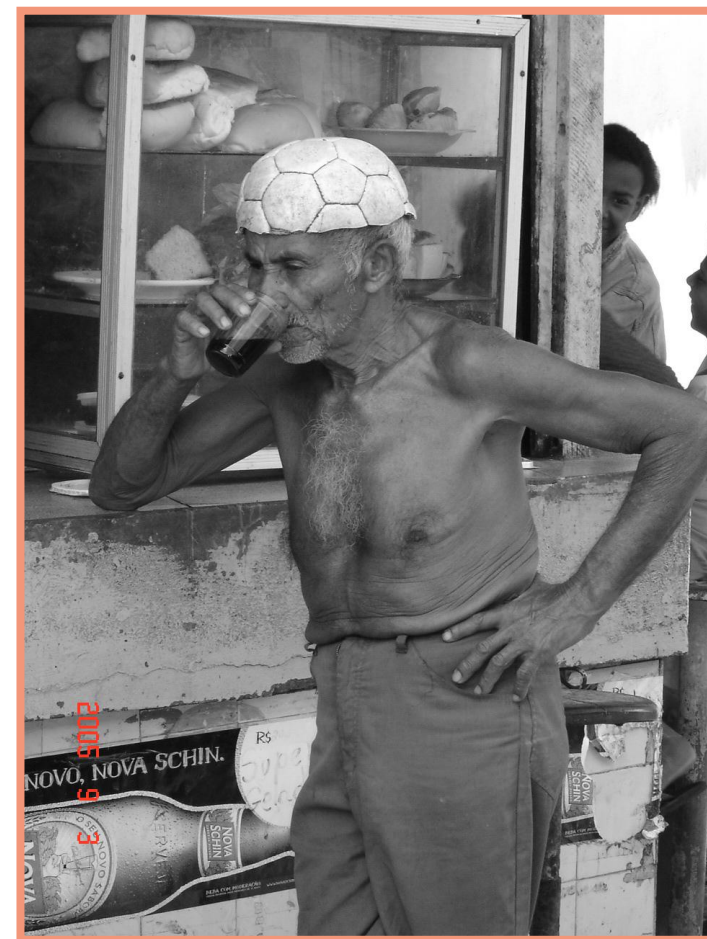
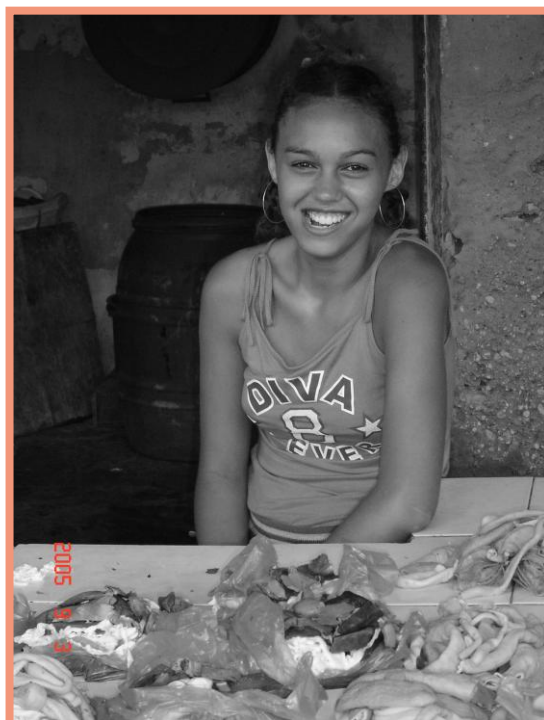
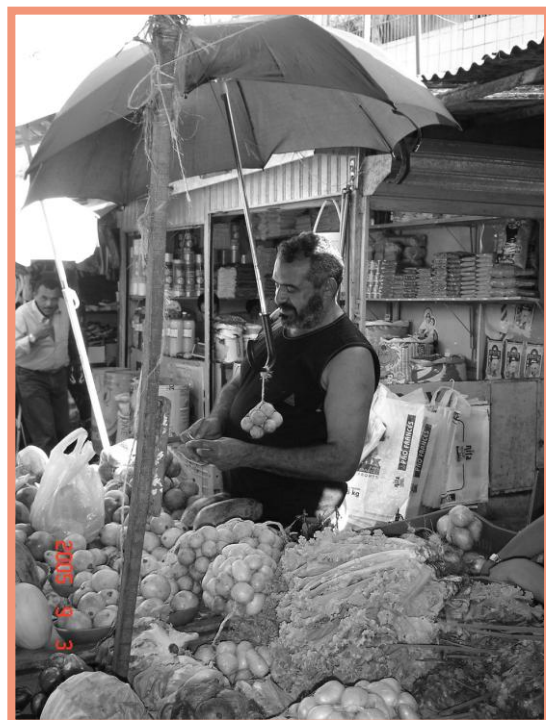
dúzias e unidades; o modo de preparar o feijão verde para a venda (debulhar e escolher na própria Feira à vista do cliente); o modo de fazer, a partir de pneus de automóveis e pregos, os cochos, que servem como reservatório para alimentação de animais, como cestos de compras ou mesmo de lixo; e o modo de preparo da tapioca e da pimenta caseira. Todos estes saberes estão dispersos e bem vivos em meio ao trânsito ininterrupto de pessoas, veículos e cargas dentro da Feira.

O espaço da feira também é propício ao desenvolvimento de saberes e ofícios não somente do feirante que vende os produtos, mas do artesão que confecciona, ali mesmo, na frente da clientela, o produto que comercializa; o seleiro que costura e borda a mão os artefatos do vaqueiro; o cozinheiro que prepara as carnes e temperos para a buchada que será servida no almoço; o artesão que realiza o trançado das varas de cipó para confeccionar suas cestas e balaios; o repentista que se apresenta no espaço do mercado, cantando em versos e rimas o aspecto da clientela; o açougueiro que realiza ali mesmo, à vista do freguês, o abate das aves e outros animais. Alguns ofícios e modos de fazer podem ser destacados.



Figura 56 – Senhorzinho na feira de Campina Grande.

Foto: Emanuel Braga.



Figuras 57, 58 e 59 – Personagens da feira de Campina Grande.

Fotos: Valmir Gamela.



## Buchada

A preparação da buchada vendida na feira é feita num lugar popularmente conhecido como “feira de miúdos” ou “feira de fatos”, nome que remete ao produto principal vendido nos arredores da Feira de Carnes. Os “miúdos”, ou “fatos”, são órgãos de animais normalmente descartados ou vendidos muito mais baratos, por não serem comparáveis aos “melhores cortes”. Entre os miúdos estão o fígado, coração, sangue e bofes (pulmões).

O local, originalmente construído para a venda de carnes, conta com bancos de alvenaria recobertos com azulejo, sobre os quais são expostos os produtos prontos para a venda, ou seja, os componentes da buchada – picado e bucho – preparados para a montagem final, cozimento e consumo em ambiente doméstico ou comercial. Sobre os bancos, são montadas estruturas de metal que servem como suporte para os ganchos que penduram os “fatos” que chegam à feira para a higienização e produção do picado. Depois de limpa, a maior parte dos ingredientes é picada e temperada antes de ser usada como recheio para um saquinho feito de bucho de bode, dentro do qual são cozidas para o consumo posterior.



**Figura 60 - Preparo da buchada.**  
Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.



## Gelada

A gelada é o “refrigerante” ou o “suco” da feira. Acompanhada com pão doce, é conhecida como o lanche tradicional. Encontra-se nas barracas de lanche e nas ruas distribuídas pela Feira. Especialmente na Rua Marcílio Dias, existem duas barracas com gelada, lá instaladas há mais de cinquenta anos. O sabor mais tradicional da gelada é a de coco, segundo Sr. Severino Pereira de Araújo, conhecido como Biu da Gelada. Para Darlan Venâncio da Cruz, outro feirante, além da gelada de coco, existem outros sabores com muita saída nas vendas, como maracujá, acerola, cajá, goiaba e caju.

A técnica do modo de fazer é simples e foi aperfeiçoada no decorrer dos anos com a modernização dos instrumentos de produção. Antes se usava o ralador manual, que foi substituído pelo raspador elétrico e pelo liquidificador. A peneira e o pano fino, para o coamento, ainda dividem espaço.



## Balaios, cestos e caçuás

A produção de objetos a partir dos variados tipos de cipó, tendo como principal resultado os cestos, balaios e caçuás (entre objetos de decoração das mais variadas formas, feitos por encomenda), constitui-se em um modo de fazer que não apenas representa mais um entre os encontrados na Feira, mas se destaca pela produção de bens que podem ser vistos em sua funcionalidade na própria Feira de Campina. Pelas ruas do comércio, ainda perambulam carregadores e senhoras com balaios sobre as cabeças, cheios de produtos comprados na feira. E os feirantes também usam esses balaios para transportar e mesmo expor suas mercadorias. Os balaieiros, que até meados da década de 1980, eram personagens bem comuns<sup>23</sup> de se encontrar em toda a Feira, trazem nos ombros seus balaios feitos com estrutura em cipó de vime (vara flexível) e taboca ou taquara (vegetação semelhante ao bambu).

A produção de cestos, balaios e artesanatos com cipó, a arte de envergar a taboca e entrelaçar os cipós, fazendo balaios, cestos e caçuás, além de artesanato para jardim, ocorre na Feira Central de Campina Grande, num prédio alugado, localizado na rua Manoel Pereira de Araújo. O prédio é dividido entre as atividades do artesanato com cipó e as atividades de outros artesãos, sendo um deles o que lida com a produção de objetos com

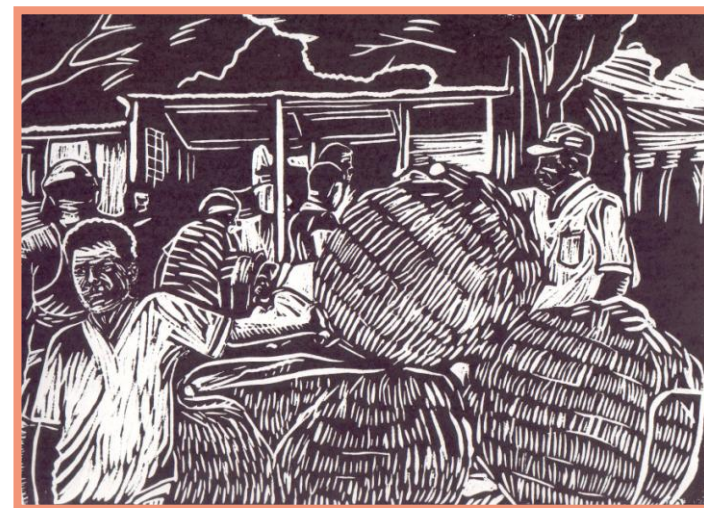


Figura 61 – Xilogravura “Feira de caçoá”.

Autoria: Josafá de Orós



folhas de flandres. Não há divisão física do espaço feita por estruturas fixas, como paredes, por exemplo. A divisão do espaço pode ser notada apenas pela organização dos objetos dentro dele.

Um dos mestres artesãos entrevistados no processo de Registro, Seu Francisco, conhecido como “Dida do balaio”, artesão na Feira Central há mais de cinquenta anos, mora no município de Massaranduba, vizinho a Campina Grande. Afirma que aprendeu o ofício com seu irmão mais velho, quando pequeno. Em seu depoimento, ressalta que o processo do artesanato, ao longo dos anos, passou por muitas mudanças, principalmente no que diz respeito à variedade de peças. Antes as pessoas compravam o que estava exposto para venda e agora chegam a lhe pedir por encomenda, fazendo até mesmo trabalhos a partir dos desenhos.



**Figura 62 – Seu Dida fazendo um balaio.**

Fonte: Acervo Iphan/PB. Foto: Emanuel Braga (2010).



## Debulha de feijão

O feijão e a farinha são os ingredientes principais da culinária local e regional. São cereais que costumam não faltar na mesa de nordestinos. A variedade de feijão na Feira Central de Campina Grande é grande: tropeiro, branco, mulatinho, preto, carioquinha, macassar, fígado de galinha, corujinha, fraldinha, manteiguinha, vagão, entre outros. Destaca-se o feijão verde, utilizado em vários pratos da culinária, a exemplo do baião de dois, do rubacão e do arrumadinho. Este último, acrescido da farinha e da carne de charque.

Embora o feijão verde esteja presente em toda a Feira livre, é no cruzamento da rua Marcílio Dias com a Cristóvão Colombo que se percebe maior concentração das vendedoras, também chamadas de debulhadoras. Na prática da debulha, as feirantes retiram o feijão verde da vagem e vendem pelo mesmo preço do feijão na vagem, não “cobrando” nada pela força de trabalho apreendida – no debulho – para “agradar” os clientes.



Figura 63 – Debulha do feijão.

Foto: Valmir Gamela.



Figura 64 - Debulha do feijão na feira de Campina Grande.

Fotos: Valmir Gamela.



## Raizeiras

Essa referência cultural é uma das mais antigas na feira central. As raizeiras, geralmente mulheres e, em alguns casos, também rezadeiras, utilizam as ervas medicinais para curar as doenças do corpo e os males do espírito. A base do seu conhecimento é a transmissão intergeracional e afirmam que cuidam da saúde comunitária através do uso de recursos naturais e da espiritualidade.

O seu ofício abrange a identificação de plantas medicinais e dos seus ecossistemas de ocorrência, assim como o conhecimento de técnicas sustentáveis para a coleta de plantas e o preparo de remédios caseiros. As ervas servem para “limpar a casa”, “chamar dinheiro”, “tirar mau olhado”. Segundo as raizeiras, “melhora tudo”. Distribuídas em embalagens conhecidas como “embrulhos”, ou “mercados”, os punhados de “medicamentos” prometem curar tudo, inclusive, a impotência sexual. E também produzem garrafadas e lambedores, ou seja, ervas embebidas em líquido aguardente e engarrafadas.

O poeta e cordelista Manoel Monteiro descreveu o ofício das raizeiras, com os produtos que elas elaboram, e a serventia que dão:

Lá na feira de raiz / É onde o povo se cura / Pra todo mal tem



Figura 65 – Barraca com venda de ervas, dentre outros produtos.

Foto: Valmir Gamela.



Figura 66 - Vendedor de ervas na Feira de Campina.

Foto: Valmir Gamela (2005).





remédio / Depende só da mistura / Na farmácia vegetal / Tem raiz medicinal / Que serve até pra feiúra / Pra garganta inflamada / Gargarejo de romã / Pra outras enfermidades / Tem carqueja e tarcumã, / Caso a barriga reclame / Gengibre, losna e velame, / Colônia, turco, hortelã / Cardo-santo, cabacinha / Capitãozinho e angico / endro, quebra-faca ou, / Ameixa, cedro e tipi, / Semente de melancia / Cura febre e nevralgia / Solta de vez o xixi. / Cebola branca é remédio / Pra catarro e tosse braba / Faz-se lambedor com mel; / Já a velha catuaba / Deixa o velho quase novo / É o viagra do povo / Quando o cacete desaba. / Pra olho gordo e quebranto / Pegue arruda e faça um chá / Com alecrim e liamba, / Fruto e casca de juá / E é bom que tome bastante / Barbatimão e levante / Com vagem de jatobá. / Manjerição e alcânfora / Dão defumação cheirosa, / Milona, favela, urtiga- / branca, mororó, babosa, / Bonome, jurema preta / Tome sem fazer careta / Que ajeita pele escamosa. / Já tem garrafada pronta / Coisa que vale um “tesouro” / Reforça em cima e em baixo / No trabalho e no namoro / Para a “brocha” ficar sã / É só tomar de manhã / Pra de noite dá no couro<sup>24</sup>.



## Barbearia

“Péla-porcos” é a expressão como eram conhecidos, ao mesmo tempo, os barbeiros e seus precários locais de trabalho, que funcionavam próximos à Avenida Canal, mais precisamente onde hoje está situado o prédio do Serviço Social do Comércio (Sesc).

Estes locais marcaram época pela sua simplicidade e, principalmente, pelo contraste que causavam à velha paisagem de Campina Grande. Em locais improvisados, ou “barracas”, exerciam o ofício que era muito requisitado e ao mesmo tempo possuía uma mão de obra mais barata. Os barbeiros “péla-porco” ou “pé-de-furquilha” desapareceram. Hoje ainda se encontra tal serviço na feira, mas em barbearias e salões de beleza. Além do tradicional corte de cabelo e barba, existem outros serviços, tais como tintura, alongamento, hidratação, design de sobrancelhas, etc.

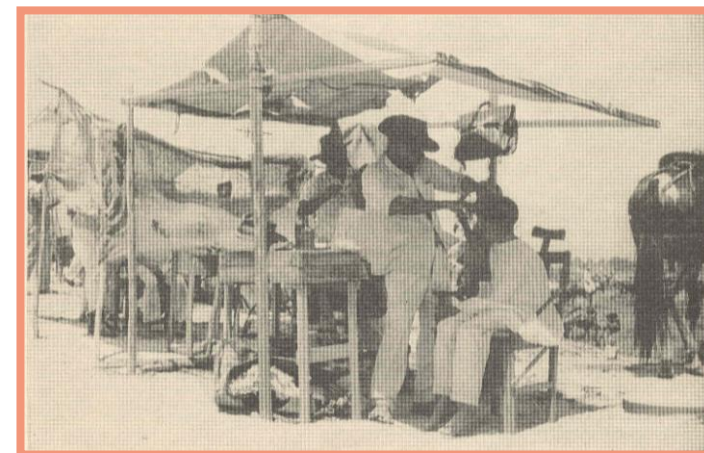


Figura 67 - Péla-porco nos arredores da feira de Campina.

Fonte: SESC, 1964.



Figura 68 - Barbearia de Seu Eliziário na feira de Campina.

Foto: Valmir Gamela.



## Seleiro

O ofício do seleiro é o trabalho especializado em couro para produzir, principalmente, selas de montaria e acessórios para vaqueiros. Alguns mestres também produzem bolsas e calçados. Esse ofício está estritamente ligado à arte da vaquejada e ao ofício do vaqueiro. O processo criativo das selas se constitui de um trabalho artesanal extremamente rebuscado e criativo, com a produção, diretamente no couro, de imagens e desenhos que alguns autores relacionam à estética do cangaço.

Na Feira de Campina Grande, o seleiro mais conhecido é Seu Fernandino Barbosa de Arruda, também chamado de Seu Fernando Seleiro. Já atua no ofício há mais de 50 anos e tem repassado o seu conhecimento ao seu filho, que o ajuda em sua oficina. Esse saber tem sido prejudicado em função da crescente substituição, na zona rural, da montaria em animais pela motorizada, sobretudo pelo uso das motos nos dias atuais. Além da questão estética das peças produzidas, uma boa sela é aquela que não machuca o animal.



## Fazedor de cocho

Objetos usados e aparentemente inúteis ganham na grande Feira outros aspectos, sentidos e usos. Esse processo de recriação de coisas também possibilita a existência de ofícios e artes do reaproveitamento. Se antes os cochos usados para suporte de alimento de animais eram feitos de madeira maciça, hoje em dia esse mesmo utensílio pode ser comprado na Feira confeccionado a partir de sucatas de velhos pneus de tamanhos diversos. Ele é feito por um “fazedor de cocho”, que utilizando ferramentas simples como navalhas, martelos e pregos manipula com maestria o pneu, cortando, a borracha para rebatê-la e religá-la com pregos, dando nova forma e utilidade.

Como arremate do fazer o cocho, na arte de metamorfosear o velho em novo objeto, o artesão usa pés e mãos para, em um malabarismo contorcionista, retorcer e virar pelo avesso o que antes era um pneu corroído pelas estradas para, em um processo mágico, criar uma escura e impermeável bacia de fortes alças que serve, entre outras coisas, para lavar e expor à venda as frutas e verduras da própria Feira livre.



## Flandreleiro

O flandreleiro é o profissional que trabalha com folhas de flandres, que são chapas metálicas de ferro e aço revestidas com estanho. A manipulação das folhas de flandres se dá com martelos para bater e moldar a chapa, rebidadeiras, e ferros de solda, para a montagem dos artefatos. Também sempre tem em sua oficina uma bigorna, onde modela e finaliza o acabamento de suas peças. O flandreleiro confecciona lamparinas, copos, funis, latas e utensílios domésticos em geral, além de calhas e até brinquedos infantis.

Na Feira de Campina, a feira de flandres reúne detentores tradicionais do ofício, como Seu Boquinha, que há mais de 50 anos trabalha com a folha de flandres, que sente grande prazer no que considera “um artesanato”.



Figura 69 – Artefatos em flandres, em meio a outros produtos da feira.

Fonte: Acervo do Iphan/PB (Foto: Emanuel Braga).



## A feira das feiras

### 3. A feira das feiras

A Feira Central de Campina Grande é ladeada por edificações antigas, algumas com características do ecletismo e do estilo *art déco*, renascendo nas manhãs de segunda a sábado nas barracas de ambulantes, nas carroças e cestos que perambulam pra lá e pra cá e nos produtos expostos pelo chão das ruas abarrotadas de gente.

Mas, embora tenha uma forte relação com o chão e com o território que ocupa, a Feira livre, como o próprio nome sugere, se prolonga, se esgarça e se espalha espontaneamente. No caminhar do ambulante chamando a clientela; no balaieiro que anda apressado, carregando as pesadas compras dos clientes por entre as barracas, subindo e descendo as ruas; no agricultor da zona rural ou da cidade vizinha que acorda de madrugada e se prepara para iniciar o dia vendendo seus produtos na cidade; nos vendedores volantes, eventuais, que caminham por entre ruas e barracas, indo e vindo com seus carrinhos de mão, alargando e apequenando a Feira, sobretudo aos sábados. Suas dimensões e limites

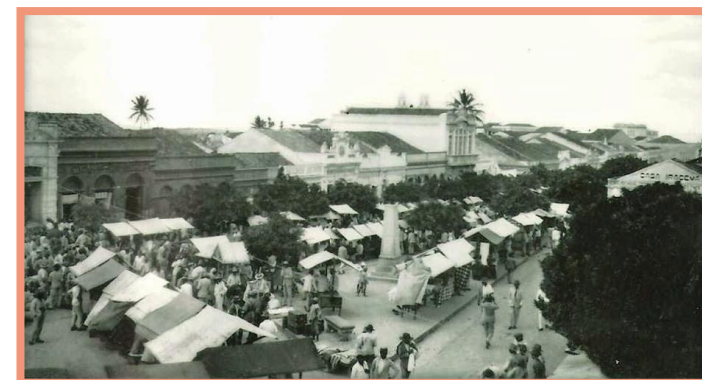


reais, cotidianos, são, portanto, imensuráveis.

A Feira é constituída de relações interpessoais que conformam uma vasta subjetividade de valores, hereditários e comunitários. Seu espraiamento favorece as relações de sociabilidade e fortalece os vínculos familiares, não sendo raro encontrar diversas gerações de uma mesma família gerenciando um banco na Feira ou expandindo os negócios por várias barracas. Sua estrutura morfológica, ao mesmo tempo em que sugere um sentido transitório devido à fragilidade das estruturas das barracas e bancas dos feirantes, se reafirma no espaço físico, favorecendo a perenidade e fidelidade nas relações comerciais entre feirantes e fregueses, mas também as relações de compadrio e de reciprocidade.

A Feira é a sedimentação diária, por décadas construída, da ocupação da rua e de hábitos singulares de compra e venda, como a barganha na negociação do preço dos produtos e a relação de confiança estabelecida entre vendedor e freguês, dada pela credibilidade conferida à narrativa do feirante.

É, ao mesmo tempo, a atualização da tradição do comércio ambulante, informal, porque é a cada dia ressignificada em seus elementos constituintes, sem, no entanto, perder o que a torna, ao um só tempo, singular e excepcional. É um espaço de construção de códigos próprios de comunicação, de relações amistosas e comunitárias, de sorrisos e



**Figura 70 - Feira de Campina quando funcionava na rua Maciel Pinheiro.**

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.



**Figura 72 - Feira de Campina Grande na década de 1970.**

Fonte: CPDOC, Fundação Getúlio Vargas.





brincadeiras, das “astúcias cotidianas do *fazer a feira*”, das “trocas, materiais (produtos/mercadorias) e simbólicas (trocas discursivas, gestos e ações/comportamentos)”<sup>25</sup>.

A dimensão da paisagem urbana e a dimensão sociocultural estão imbricadas na Feira Livre de Campina Grande. A sua importância urbana e arquitetônica está justamente numa série de características relevantes do ponto de vista histórico-cultural: a harmonia volumétrica presente no gabarito mais ou menos homogêneo tanto da arquitetura construída em tijolos de barro, como da arquitetura efêmera das barracas; a organização das barracas nas calçadas e vias urbanas, conforme os acordos e setorizações propostos pelos próprios feirantes, juntamente com o planejamento urbano da prefeitura, obedecendo a uma lógica criativa e funcional incorporada pelos visitantes e compradores; a uniformidade arquitetônica do conjunto edificado, considerando-se as técnicas construtivas tradicionais, materiais de acabamento, estilos arquitetônicos, partido formal das construções, tipos das coberturas, gabaritos etc.; a relação existente entre o ambiente das ruas ocupadas por barracas e as faces de quadra que emolduram o espaço livre público; e a intrínseca relação entre os feirantes tradicionais e o lugar, definindo este espaço como local de encontro, de trocas, de relações sociais no seu sentido mais simbólico e referencial para os grupos que ali trabalham, transitam ou fazem compras.

Por estar localizada nas proximidades do casario *art déco* de Campina Grande, que



constitui área protegida por tombamento estadual, e tendo em vista o caráter singular de sua organização e das construções existentes tanto na Feira quanto no entorno, revela-se um espaço público de relevante interesse estético, tornando pertinente, inclusive, a ampliação do perímetro de proteção estadual do Centro Histórico de Campina Grande, de modo a contemplar este lugar e os modos de fazer e viver a ele associados. É justamente esta vida da Feira que se perpetuou até nossos dias de modo resistente, instituindo outros tipos de relações entre as pessoas no vai e vem do dia a dia.

Em sua relação com a urbe construída, a Feira toma partido da configuração do espaço edificado, constituindo de forma indissociável o caráter deste espaço de circulação de moeda e de pessoas. A Feira se desenvolve em vias que se entrecruzam com sortimento de mercadorias, de serviços e de pessoas que entoam, com seus jargões de convencimento para atrair a atenção dos transeuntes, sons harmoniosos traduzindo a essência da feira livre.

A relação cidade-feira redefiniu a forma e o ambiente urbano de vias e praças, numa organização histórica que se perpetuou e se ressignificou por séculos e décadas, se acomodando ao tecido urbano existente e intervindo com suas estruturas efêmeras e permeáveis. A Feira que nasce e morre diariamente, pois se abastece e desabastece continuamente, se monta de manhazinha e se desmonta à tardinha, conferiu uma qualidade urbana bastante particular para esta porção do espaço urbano de Campina Grande,



**Figura 73 - Feira de Campina Grande.**  
Foto: Valmir Gamela (2005).



**Figura 74 - Venda de animais na Rua Manoel Pereira de Araújo (pintura).**  
Autoria: Erinaldo Souza.



consolidado, absorvido e cotidianamente utilizado pela população campinense.

Ressalte-se a importância do Casino Eldorado, assim como da edificação conhecida como “Pau do Meio”, prédios de significância paisagística para os vendedores e visitantes da feira, por representar marcos urbanos locais, configurando ao seu redor espaços de confluência e referência visual.

O complexo de edificações conhecido como Mercado Público, ou Mercado Central foi, por muito tempo, o núcleo mercadológico da feira. Hoje em dia seu comércio não tem mais a mesma intensidade de outrora, tendo em vista que o freguês consegue fazer compras bem variadas nas “pontas de feira”, não necessitando adentrar em outros setores da feira. O Mercado Público abriga o setor de carnes, além de parte do espaço de vendas ervas e cereais. Historicamente, o “Mercado” era um complexo edificado de galpões independentes, permeáveis e com um pátio interno ao ar livre, mas atualmente sua configuração inclui também espaços tomados por bancas em alvenaria e os antigos galpões edificados, todos abrigados sob uma grande cobertura em telha metálica.

A feição atual da feira é resultado das vias ocupadas pelos feirantes; dos marcos urbanos referenciais (Mercado Público, Casino Eldorado, Pau do Meio) que guiam e orientam os transeuntes em meio à ocupação das barracas e o rápido trânsito de pessoas; dos

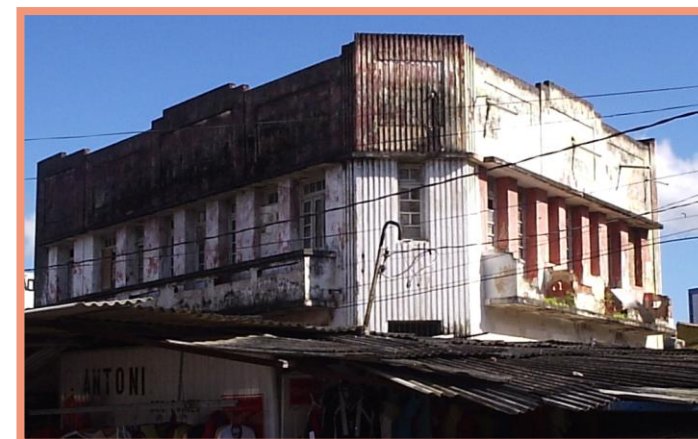


Figura 75 – Pau do meio.

Foto: Valmir Gamela.



Figura 76 – Canarinho.

Fonte: Google Street View.



largos, caminhos e acessos por onde circulam fregueses e mercadorias. Seu território e seu espaço construído estabelecem os limites e os diálogos entre o dentro e o fora, vida privada e vida social, casa e bodega.

A feição das fachadas mais antigas denuncia, no casario com elementos dos estilos *art déco* e *art nouveau*, o passado que acolheu a Feira em expansão. À medida que a feira se afasta do Mercado, rumo à Rua Floriano Peixoto ou à Avenida Canal, as barracas vão escasseando e as “bordas” da Feira assumem, nas fachadas das edificações que lhe servem de moldura, sua face mais contemporânea, pois exibem uma arquitetura mais recente, modificada para abrigar usos contemporâneos.

A Feira de Campina Grande é este contraponto à concentração financeira e territorial trazida pelos novos espaços do comércio que atendem a uma clientela mais abastada e deixam à margem do consumo a população de baixa renda. A Feira mantém vivo “o contato personalizado e amistoso com o cliente”<sup>26</sup> e os modos tradicionais tão próprios do comércio informal de rua. A Feira é a permanência de certa informalidade numa economia cada vez mais formal e pautada por legislações trabalhistas, sanitárias e de ordenamento urbano.

A Feira de Campina se insere num universo de feiras que ganharam dimensão



Figura 77 – Tropicana.  
Foto: Valmir Gamela.



nacional por sua forte significância e importância histórica para o crescimento econômico dos municípios nos quais se instalaram ou aos quais deram origem, contribuindo para a consolidação de polos de desenvolvimento regional. Sua constituição histórica se confundiu com o desenvolvimento urbano de Campina Grande e contribuiu para sua vocação comercial, convertendo-a em principal polo comercial do Agreste paraibano. No município, constitui, juntamente com outras feiras livres de bairros próximos, como a feira do bairro da Prata, um complexo de abastecimento local do comércio, sobretudo, de hortifrutigranjeiros. A Feira Central de Campina Grande é “a feira das feiras”.

Aliada a outras feiras do Nordeste, como a feira de Caruaru, em Pernambuco, e a feira de São Joaquim, em Salvador, na Bahia, a feira de Campina Grande fortalece a referência aos aspectos da “cultura do nordestino”, reunindo seus artefatos, suas práticas, seus sotaques, exprimindo, nas mercadorias vendidas, sua culinária, seus modos de ser e de viver.

O fato de a formação da cidade estar associada à feira, de continuar a existir, resistindo a todos os impactos da modernidade e, por conseguinte, do momento atual resultante do fenômeno da globalização, “driblando” a concorrência, aglutinar em um mesmo espaço variedade de mercadorias que foram e são utilizadas pela comunidade que lhe recorre, Merchezan, mostra que “A Feira Central de Campina Grande ganhou a notoriedade do mercado consumidor nordestino de configurando como uma das maiores e mais importantes da região”<sup>27</sup>.



A Feira de Campina está no imaginário e na experiência popular por sua grande importância para a história do Nordeste. Está presente nas obras de cordelistas, é objeto de trabalhos monográficos, obras de dramaturgia, exposições fotográficas e iconográficas, obras cinematográficas. Como conclui o documentário “Feira de Campina Grande”, do cineasta Elyseu Visconti (1979), a feira “é um grande centro de comunicação, onde o arquivo das informações da cultura regional é a memória coletiva”. É, portanto, lugar de sínteses identitárias, arena de dominação e imposição de normas injustas e também de revoltas populares, palanque para políticos em época de eleição, ponto de encontro de amigos e de difusão de notícias, território de mudanças e resistências.



Foto: Roberto Coura

## Recomendações de Salvaguarda

## 4. Recomendações de Salvaguarda

### Problemas e demandas da feira

A partir de 2013, com a retomada do processo de Registro por parte da Secretaria Municipal de Campina Grande, os debates da equipe de trabalho em torno das questões relacionadas aos problemas e perspectivas de políticas de salvaguarda se intensificaram. Nos anos anteriores, um fato ficou cada vez mais evidente para todos os envolvidos no trabalho de reconhecimento patrimonial: o espaço tradicional ocupado pela Feira é alvo de constantes ações políticas locais que objetivam, com pouca ou nenhuma participação de seus fazedores (feirantes e fregueses), a sua “revitalização” ou a sua remoção da urbanidade atual para outro espaço da cidade de Campina Grande.





O caráter livre das territorialidades da Feira se revela em sua dinâmica de desestabilização das fronteiras entre público e privado, reorganizando normas e práticas nos modos de ocupação do solo urbano ao estabelecer permanências em lugares que deveriam ser de passagem e passagens em lugares que deveriam ser de permanência. Esse “livre” urbano tem partilhado experiências de comportamento, higiene e saúde não hegemônicas na cidade, provocando incômodos às elites culturais e econômicas locais. Tais grupos, que costumam ocupar importantes posições de poder político, consideram o aparente “caos” da Feira como uma anomalia a ser, a todo custo, disciplinada e removida, quando não destruída, do centro urbano campinense, por critérios morais e científicos.

A Oficina de Projeto Participativo “Qual a sua ideia para a Feira de Campina Grande?” é, provavelmente, a primeira experiência planejada de abertura de diálogo com os “detentores do bem” que deixou explícita a necessidade de uma construção mais democrática de um projeto de intervenção nos espaços da feira. Em períodos anteriores, houve plenárias públicas, mas essas audiências serviam apenas para informar aos feirantes sobre as mudanças que ocorreriam na Feira, sem que houvesse uma proposta de elaboração de projetos com os grupos e segmentos locais, desde o planejamento inicial, discutindo os problemas e as demandas relacionadas à requalificação do lugar.

A oficina conseguiu mediar, na medida do possível, diálogos institucionais entre a



associação de feirantes, o poder público local, UFCG, UFPB, Iphan e Iphaep, possibilitando uma experiência mais colaborativa, levando as reuniões de trabalho para dentro da própria Feira, no pátio interno do Mercado Central. Além da definição dos primeiros apontamentos da Salvaguarda, esse momento possibilitou a organização e participação ativa de feirantes e fregueses em espaços como a Prefeitura e a Câmara dos Vereadores, propondo melhorias para a Feira.

A Feira está parcialmente incluída na poligonal de entorno do tombamento estadual realizado pelo Iphaep, do centro histórico de Campina Grande, fato que situa a gestão urbana e patrimonial em outra ordem de fatores e recomendações técnicas. O prédio do Casino Eldorado, agora em ruínas, localizado na rua Manoel Pereira de Araújo, e o edifício do Pau do Meio, localizado no Largo da Feira Central, situados no interior da feira, são edificações de importância cultural para os trabalhadores e frequentadores da feira que foram identificadas no inventário de referências culturais.

Assim, desde as mobilizações iniciais em torno do Registro, as preocupações decorrentes do uso prático e lúdico da Feira, a forma de organização simbólica do cotidiano do comércio, em meio aos modos de fazer, ofícios e formas de expressão locais, tudo o que dizia respeito à categoria “patrimônio imaterial”, estavam relacionadas à territorialidade da Feira, à configuração de suas ruas, seus vãos, seus becos, seus edifícios, seu mercado, enfim,



à paisagem histórica urbana acumulada pelas relações estabelecidas entre feirantes e entre feirantes e fregueses, que acabava revelando a todos a “livre” organização labiríntica da Feira Central.

Essa territorialidade esteve em risco durante o próprio processo de mobilização pelo Registro, quando se constatou a existência, em 2010, de um projeto de revitalização urbana que não respeitava as referências e demandas dos próprios feirantes e demais usuários do lugar. Entre 2011 e 2012, pareceres do Iphaep e do Iphan construíram importantes contrapontos técnicos, possibilitando que novas conjunturas políticas locais pudessem abrir um debate mais amplo envolvendo outros agentes do poder público e a comunidade local.



## Indicações para o Plano de Salvaguarda

Ações de salvaguarda que valorizam o rico patrimônio cultural da Feira de Campina Grande vêm sendo realizadas ao longo do tempo por meio de iniciativas de ativistas, pesquisadores, professores e dos próprios feirantes e fregueses. Os fazedores *da* feira, feirantes como Dona Inácia (vendedora de ervas e raízes), Dona Dete (vendedora de buchada), Seu Biu da Gelada e tantos outros, como também os fazedores *de* feira, fregueses como Dona Marinês, professor Adonhiran e professor Jair, são aqueles que vitalizam cotidianamente a Feira, que, acima de tudo, é um lugar prático, um lugar de grande utilidade popular para comprar e vender coisas que só se compram e só se vendem ali.

Também foram e são agentes de salvaguarda as diversas instituições públicas e privadas que têm pautado a importância da Feira para a cidade e para a área de sua influência nos eventos locais, nas grades curriculares das escolas, nos temas debatidos na Câmara de vereadores, nas secretarias municipais da Prefeitura etc. Alguns exemplos



Figura 78 - Espetáculo “A feira”, de Lourdes Ramalho, com coreografia de Mayrna Maracajá.

Fonte: Teatro Severino Cabral [online]. Disponível em: <<http://teatroseverinocabral.art.br/wp-content/uploads/2015/04/04.jpg>>. Acesso em 21 jun. 2017.



recentes são emblemáticos dessas ações. Em 2013, durante o Festival de Inverno realizado em Campina Grande, a Fundação Amigos do Teatro apresentou o musical “A feira” da escritora Lourdes Ramalho, e coreografia de Myrna Maracajá, espetáculo que trouxe aspectos da Feira campinense em linguagem artística contemporânea.

No mesmo ano, a Câmara municipal realizou audiência pública, a partir de requerimento do vereador Olímpio Oliveira, para debater juntamente com grupos de comerciantes as possibilidades de reversão do projeto viário da Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos de Campina Grande que punha em risco de remoção os tradicionais feirantes livres de uma das principais ruas da Feira Central, a rua Deputado José Tavares, conhecida popularmente como a “ponta da feira”.

Durante o ano de 2014, data em que se comemorou o sesquicentenário da cidade de Campina, os temas relacionados à histórica Feira foram trabalhados em uma série de ações educacionais realizadas por muitas escolas municipais e estaduais campinenses. No mesmo ano comemorativo, vários livros e coletâneas de imagens sobre a Feira foram publicados em homenagem a esse lugar patrimônio cultural. Muitas informações de tais publicações estão sintetizadas na escritura do presente Dossiê (escrito e audiovisual).

Também foram realizadas nas dependências do Mercado Central, no segundo



**Figura 79 – Espetáculo “A feira”, de Lourdes Ramalho, com coreografia de Mayrna Maracajá.**

Fonte: Teatro Severino Cabral [online]. Disponível em: <<http://teatroseverinocabral.art.br/?p=9143>>. Acesso em 21 jun. 2017.



**Figura 80 – Visita de alunos da Escola Manoel Martins à feira de Campina Grande, no sesquicentenário da cidade.**

Fonte: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.



sábado de cada mês, apresentações do projeto “Dia do Rojão”<sup>28</sup> que divulga a musicalidade dos artistas locais. Também aos sábados acontecem, no mesmo espaço do mercado, apresentações de grupos de capoeira, formados majoritariamente por crianças e jovens de diversas comunidades campinenses. Além de todas essas ações, o próprio INRC conseguiu desenvolver um importante trabalho de mobilização de feirantes, sensibilizando-os para com os seus lugares de trabalho e vida coletiva.

Em contraposição às visões megalomaniacas das propostas interventivas sobre o espaço da Feira que vêm se atualizando ao longo da história de Campina Grande, os feirantes apontaram, na oficina de 2013 e em outros encontros públicos, problemas muito mais corriqueiros e práticos vivenciados em suas lides de trabalho. Entre as demandas explicitadas, podemos destacar:

- a) a necessidade de organização da coleta do lixo e ações de engenharia sanitária que consigam reduzir/eliminar o acúmulo de esgotos a céu aberto;
- b) a requalificação dos banheiros públicos existentes e a instalação de novos em pontos estratégicos da Feira;
- c) a implantação de postos policiais que monitorem as atividades da Feira,



Figura 81 - Apresentações de capoeira na feira de Campina.  
Foto: Acervo INRC da Feira de Campina Grande.



oferecendo mais segurança aos trabalhadores e visitantes;

d) a garantia de condições urbanísticas necessárias para que o modo tradicional de compra e venda de animais vivos possa acontecer, especialmente a estruturação de abatedouro público que ofereça oportunidade do freguês escolher junto ao feirante o animal de sua preferência para presenciar o abate, assegurando a qualidade e o frescor do “produto”;

e) a requalificação, ampliação e criação de espaços que evidenciem e incentivem as práticas gastronômicas da culinária local;

f) a requalificação, ampliação e criação de espaços que evidenciem e incentivem a realização de atividades artísticas e culturais relacionadas à Literatura de Cordel, ao Repente, às Matrizes do Forró, ao Teatro de Bonecos, à Capoeira e às demais manifestações reconhecidas como patrimônio cultural que estabeleçam vínculos com as referências identificadas na Feira Central;

g) a reforma/restauro/refazimento das edificações históricas identificadas no inventário de referências culturais, especialmente o Casino Eldorado, Pau do Meio e Mercado Público, com as respectivas requalificações urbanas necessárias para dinamização de velhos e novos usos. O Casino Eldorado, devidamente refeito, apresenta grande potencial



turístico e cultural para abrigar o “Museu do Bordel”, com exposições de longa duração e temporárias que traduzam em histórias, imagens e objetos as referências culturais, antigas e atuais, dos cabarés da Feira de Campina e do Nordeste brasileiro. O Pau do Meio, devidamente reformado, apresenta grande potencial turístico e cultural para abrigar o “Museu do Cordel”, com exposições de longa duração e temporárias, que traduzam em histórias, imagens e objetos as referências culturais, antigas e atuais, da forma de expressão Literatura de Cordel, atualmente em processo de Registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil;

**h)** organização de trabalhos museográficos de forma conjunta com grupos de feirantes interessados, que contemplem e evidenciem as referências culturais inventariadas no processo de Registro em exposições situadas em espaços convidativos da Feira;

**i)** estruturação de ações de educação patrimonial que incentivem a circulação dos conhecimentos e pertencimentos presentes na Feira, identificados e reconhecidos no processo de Registro, em espaços educacionais formais e informais do município de Campina Grande e entorno.

Embora algumas das referidas demandas não estejam diretamente relacionadas ao planejamento, execução e avaliação de políticas de patrimônio cultural, as ações reverberadas





pelo processo de reconhecimento patrimonial da Feira devem, sobretudo, possibilitar, conjuntamente com a comunidade local, o respeito de todos os agentes envolvidos à autonomia popular da gestão política da Feira, buscando resguardar a dinâmica de organização espacial-setorial própria dos feirantes, valorizando seus modos tradicionais de compra e venda (a arte da pechincha, de experimentar o produto na hora, de senti-lo com todos os nossos sentidos), viabilizando as condições de existência das lógicas de produção (modos de fazer e ofícios), de locomoção e comercialização dos produtos.

Com o incentivo à intensa e constante participação popular, deve-se dar continuidade ao diálogo entre sociedade e poder público iniciada com a Oficina de Projeto Participativo, com a realização de reuniões e audiências públicas e a constituição de um Comitê (com a presença de diferentes representações feirantes e instituições públicas pertinentes) de acompanhamento dos projetos de intervenção na Feira Central de Campina Grande e de planejamento de políticas públicas voltadas para as melhorias culturais, ambientais, sociais e econômicas desse lugar patrimônio.

Foi na e com a Feira que Seu Antonio, vendedor de mangaio, conseguiu formar sua filha em um curso de Medicina, realizando o grande sonho de sua vida. Seu Antonio, com voz ativa no microfone, falou na última plenária da Oficina:

Ela passou 10 anos estudando para ser doutora, tem que conhecer muito pra ser



médica, tem que estudar muito, né? E eu? Eu estou há 50 anos nesse ramo, na Feira. Acho que conheço um pouquinho desse negócio e posso falar pra vocês.

A grande Feira é o lugar de todos. Expressa, por meio de suas imaterialidades e materialidades, vários espaços e tempos, em sua contínua resistência e atualização de significados em feirantes e fregueses, em avós, pais, filhos e netos. A feira tem de tudo. É livre, imprevisível, espaiada a céu aberto. É a recusa ao confinamento em espaços edificados cartesianos, envidraçados e fechados em si mesmos. É rito cotidiano que se faz e desfaz diariamente, que é fugaz e ao mesmo tempo permanente. Cidade-feira contínua, artefato sociocultural e urbano (in)tangível do Agreste dos Sertões. Labirinto de gentes, bichos, coisas e ideias. Feira de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil.

## Referências bibliográficas

### *Livros*

ALMEIDA, Elpídio de. *História de Campina Grande*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1979.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Feira Livre: memória 'viva' da cultura do povo campinense, ao final do século XX?*. Campina Grande: Agenda, 2004.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande*. Campina Grande: Agenda, 2006.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *O global e o local nas feiras contemporâneas: um estudo dos impactos gerados pela globalização em feiras de Portugal e do Brasil (1986-2007)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2014.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *O global e o local nas feiras contemporâneas: um estudo dos impactos gerados pela globalização em feiras de Portugal e do Brasil (1986-2007)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2014.

ARAÚJO, J.B. de. *O algodão de Campina Grande: uma discussão acerca dos livros didáticos de História*. Campina Grande: Agenda, 2006.

CABRAL FILHO, Severino. *Acidade revelada: Campina Grande em imagens e história*. Campina Grande: EDUFCEG, 2009.



CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Caravela, 1998.

CÂMARA, Epaminondas. *Os Alicerces de Campina Grande: esboço histórico-social do povoado e da vida (1697 a 1864)*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1943.

COURA, Roberto. *A Feira de Campina Grande*. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

DINIZ, Lincoln da Silva. *As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio*. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.

DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. João Pessoa: União, 1993. Vols 01 e 02

JOFFILY, Geraldo Ireneo. *O quebra-quilo: a revolta dos matutos contra os doutores*. Brasília : Thesaurus, 1977.

LIMA, Luciano Mendonça de. *Derramando o susto: os escravos e o Quebra-quilos em Campina Grande*. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

MOURA, Fernando; VICENTE, Antônio. *Jackson do Pandeiro: o Rei do Ritmo*. São Paulo: Editora 34, 2001.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Francisco. *Feira de Campina Grande: um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino*. João Pessoa: Editora Universitária, 1977.

PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. Campina Grande: Editora Teone, 1957.



RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *A Feira – O Trovador Encantado*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945*. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

*Trabalhos acadêmicos*

AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Recife: 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)*. Portugal/ Brasil: 2011. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Minho / Universidade Federal da Bahia

ARAÚJO, Silvera Vieira de. *Dispensando o feioso: a construção da higiene estética em Campina Grande (1930-1960)*. Campina Grande: 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande.

COSTA, Antônio Albuquerque da. *Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo*. Recife: 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco.

OLIVEIRA, Sâmla Sonaly Lima. *As Identidades das mulheres feirantes na Feira Central de*



*Campina Grande na contemporaneidade*. Campina Grande: 2009. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

OLIVEIRA, Sâmla Sonaly Lima. *Mercado Informal: o trabalho das mulheres feirantes na Feira Central de Campina Grande na contemporaneidade*. Campina Grande: 2010. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Campina Grande.

OLIVEIRA, Sâmla Sonaly Lima. *Olha o rapa: os feirantes e as artes do saber fazer o cotidiano na Feira Central de Campina Grande (1970-1983)*. Campina Grande: 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande.

SILVA, Alan Franca Paiva. “*Os Chapeados*” em Campina Grande: carregando e descarregando histórias. Campina Grande: 2009. Monografia (Graduação em História).

SILVA, Lucas Batista Januário da. *Feira de Trocas do Mercado Central de Campina Grande-PB: uma atividade informal em expansão*. Campina Grande: 2011. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

SILVA, Magnolia Gibson. *Os barbeiros da Feira de Campina Grande*. Campina Grande: 1983. Monografia (Especialização em Formação Urbana do Nordeste) - Universidade Regional do Nordeste.

SILVA, Valmir Pereira da. *Artes de fazer a feira: práticas e representações de negociação na Feira Central de Campina Grande (PB)*. Campina Grande: 2005. Dissertação (Mestrado ligado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos Sociedade*,



*Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado em história. UFPE, 2002.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e imagens da cidade de Campina Grande 1920-1945*. Campinas: 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas.945. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

VENÂNCIO, Jocieli Matos. *A dinâmica comercial da Feira de Flores do município de Campina Grande – PB*. Campina Grande: 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

#### *Publicação oficial*

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA; SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. *O mercado de pescado em Campina Grande*. João Pessoa: NAI, 1993

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. *Memorial urbano de Campina Grande*. Campina Grande: UNIÃO, 1996.

#### *Cordéis*

MOTEIRO, Manoel. *Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro*. Campina Grande: Gráfica Martins. 2006. (Cordel)

MONTEIRO, Manoel. *Campina dos meus amores: Ode a Rainha da Borborema*. Campina



Grande: Gráfica Martins. 2006. (Cordel)

*Publicações Seriadas:*

*Jornais*

ALMEIDA, Elpídio de. *A história da feira de CampinaGrande*. Gazeta do Sertão. Campina Grande: mai.-jun.1985. Patrimônio Histórico de Campina Grande.

Atual. *Feira de Campina: um manancial de tradições*. Jornal do Povo. Campina Grande: Ano 01. n. 01. Out. 1989. Suplemento especial.

BASÍLIO, Astier. *Depois de Campina, Roberto Coura expõe 'A Feira' na reitoria da UFPB*. Jornal da Paraíba. Campina Grande: 13 jul. 2008. Caderno Vida/Geral, p 03

BASÍLIO, Astier. *Popular e erudito na mesma roda*. Jornal da Paraíba. Campina Grande: 3 set. 2008. Caderno Divirta-se, p 04

BASÍLIO, Astier. *Um encontro de idéias*. Jornal da Paraíba. Campina Grande: 11 nov. 2008. Caderno Vida & Arte, p 03.

BRITO, Paula. *Alunos mostram cultura da Feira Central de CG*. Jornal da Paraíba. Campina Grande: 27 jun. 2008. Caderno Cidades, p 05.

CANANÉA, André. *A Feira de Campina, ontem e hoje*. Jornal da Paraíba. Campina Grande: 17 jun. 2007. Caderno Vida & Arte





FELIX, Renato. *Um registro histórico da Paraíba*. Jornal da Paraíba. Campina Grande: 09 abr. 2008. Caderno Vida & Arte. s/p

INOCÊNCIO, Oziella. Diário da Borborema. Seção cotidiano. *Feirante: Profissão é marca essencial de Campina Grande*. 24 de agosto de 2008.

INOCÊNCIO, Oziella. *Feirantes comemoram o aumento na venda de milho verde*. Diário da Borborema. 23 de junho de 2006

Jornal da Paraíba. *Mercado campinense abastecido com feijão verde de qualidade*. 21 de janeiro de 1999. (p.06)

JOFFILY, I. e RETUMBA, F. Gazeta do Sertão. *Boletim Commercial*. Ano 1. Nº 2. 07 de Setembro de 1888. Campina Grande. (p.04) (recorrente ao longo de todo o período em que o jornal foi veiculado)

JOFFILY, I. Gazeta do Sertão. *A Eleição; Cá e Lá*. Ano 4. Nº 16. 01 de maio de 1891. Campina Grande. (p.01)

JPB 11 DE NOVEMBRO DE 2003. *Sucesso na Feira de Ciências*. In: Caderno Social. p. 2.

JPB 23 DE FEVEREIRO DE 2005. Redação. *Secretário na CDL*. In: Caderno Cidades. SubItem: Calçadão da Redação. p. 2.

JPB 6 DE MARÇO DE 2005. *ACCG - Associação Comercial e Empresarial de Campina Grande*. In: Caderno Cidades. SubItem: Informe Empresarial. p. 4.

JPB 30 DE ABRIL DE 2006. PEREIRA, Roberto (Leitor). *Mercado*. In: Caderno Opinião.



SubItem: Do Leitor. p. 6.

JPB - 09 DE ABRIL DE 2008. FELIX, Renato. *Um registro histórico da Paraíba*. In: Caderno Vida & Arte. {sem número de página}

Jornal da Paraíba. *Câmara realizará Sessão Especial alusiva aos 70 anos do Mercado Central*. Campina Grande-PB: 23 de Março de 2011.

Mercado Central, Informativo da Feira livre (outubro 2007)

MARCHEZAN, Esdras. *Feira Central é a maior da região*. Caderno especial. Jornal da Paraíba. 11 de outubro de 2006

#### *Revistas e anais de eventos*

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *A história oral utilizada como fonte de pesquisa na feira livre e central de Campina Grande*. In: I Semana de Ensino de História da UERN. vl.01. n.07. 2009. Mossoró. Anais eletrônicos.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca (org.). *“Feiras e Mercados”*. In: Revista do Patrimônio de Campina Grande: identificar reconhecer e preservar. Prefeitura de Campina Grande, SECULT, Diretoria do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Vol 1, n. 1. Campina Grande, 2015

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; SÁTYRO, Doralice. *A Feira de Campina Grande: onde se encontra o moderno e o tradicional*. In: Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre:



2010.

DINIZ, Lincoln da Silva; CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. *Faces atuais do espaço comercial em Campina Grande/PB: algumas considerações sobre a coexistência de formas modernas e tradicionais do comércio na 'nova' dinâmica sócio-espacial*. Revista de Geografia. Recife: vl. 26, n. 2, pp 40-60, mai/ago 2009.

QUIRINO, Eliana Gomes. A feira central: um espaço em ebulição. *XI Congresso Brasileiro de Sociologia*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. (2003, 1 a 5 de setembro).

QUIRINO, Eliana Gomes. A feira central: um espaço em ebulição. *IV Encontro de História Oral do Nordeste*. Espaço, Memória e Narrativa. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2003.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Cidade e vida boêmia: um passeio pelos “maus costumes” de Campina Grande. In: *Anais da ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1113.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2015.

SOUZA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. “Territórios promíscuos” a feira de Campina Grande (1920-1945). *Vivência (Natal)*, Natal - RN, v. 29, p. 289-304, 2005.

## Notas:

---

<sup>1</sup>ALMEIDA, Elpídio. *História de Campina Grande*. 2 ed. João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB, 1979.

<sup>2</sup> Trabalho concluído pela Secretaria Municipal de Educação em razão de mudanças internas na composição do organograma da Prefeitura de Campina Grande.

<sup>3</sup> ALMEIDA, Elpídio. *História de Campina Grande*. 2 ed. João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB, 1979, p. 107.

<sup>4</sup> ARAÚJO, J.B. de. *O algodão de Campina Grande: uma discussão acerca dos livros didáticos de História*. Campina Grande: Agenda, 2006, p. 29.

<sup>5</sup> Cf. Blog “*Retalhos da História de Campina Grande*”, disponível em <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>> (Acesso em 23/05/2017).

<sup>6</sup> Rua Deputado José Tavares, Rua Marcílio Dias, Rua Dr. Carlos Agra, Rua Manuel Farias Leite, Rua Dr. Antônio de Sá, Rua Cristovão Colombo, Rua Pedro Álvares Cabral, Rua Manuel Pereira de Araújo, Rua Capitão João Alves de Sá.

<sup>7</sup> ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)*. Tese de doutoramento em História, especialidade em Idade Contemporânea (UMINHO) e História Social (UFBA). Lisboa: 2011, p. 235.

<sup>8</sup>Embora se concentre, sobretudo, na Rua Pedro Álvares Cabral, o comércio de hortifrutigranjeiro aparece distribuído por diversos setores da feira seguindo a lógica da interdependência, a exemplo das ruas Deputado José Tavares, Carlos Agra e Dr. Antônio de Sá.

<sup>9</sup>No Nordeste, esta palavra é usada para designar uma caixa retangular feita, geralmente, de paus e folhas para acomodar e transportar rapaduras.

<sup>10</sup> Vaso de barro, metal ou material plástico, cuja borda tem diâmetro muito maior que o fundo.

<sup>11</sup> Dose de cachaça ou outro aperitivo.

<sup>12</sup> Rudia ou rodilha é uma espécie de coroa de tecido, colocada na cabeça dos chapeados. Serve para amortecer do balanço provocado pela tortuosa caminhada deles pelos percursos da feira.

<sup>13</sup>Há também o freguês “caloteiro” e o “veaco”. O primeiro compra, mas não paga; o segundo se esconde para não pagar.

<sup>14</sup>MONTEIRO, Manoel. *Campina dos Meus Amores* (fragmentos da Feira de Campina Grande). Cordel. Gráfica Martins: Campina Grande-PB. Outubro de 2000.

<sup>15</sup> PEREIRA JÚNIOR, Francisco. *Feira de Campina Grande, um museu vivo na cultura popular do folclore nordestino*. João Pessoa: Editora Universitária, 1997, p. 56.

<sup>16</sup> São estórias contadas sobre conquistas amorosas ou aquisições materiais. Se pabular é “contar vantagem”.

<sup>17</sup>QUIRINO, Eliana Gomes. A feira central: um espaço em ebulição. *XI Congresso Brasileiro de Sociologia*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. (2003, 1 a 5 de setembro). e QUIRINO, Eliana Gomes. A feira central: um espaço em ebulição. *IV Encontro de História Oral do Nordeste*. Espaço, Memória e Narrativa. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2003.

<sup>18</sup> Os artistas que se apresentavam no Casino Eldorado tocavam tango, samba, rumba e entre outros ritmos, como o jazz de influência americana.



<sup>19</sup>SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado em história. UFPE. 2002. eSOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Cidade e vida boêmia: um passeio pelos “maus costumes” de Campina Grande. In: *Anais da ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1113.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2015. Além de entrevista concedida pelo autor em 23 de julho de 2014.

<sup>20</sup>A cidade possui cerca de oito feiras nos bairros, além de no centro da cidade, a "arca titão" e "arca catedral". Ver: ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca (org.). “Feiras e Mercados” In: Revista do Patrimônio de Campina Grande: identificar reconhecer e preservar. Prefeitura de Campina Grande, SECULT, Diretoria do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Vol 1, n. 1. Campina Grande, 2015, p. 41.

<sup>21</sup>DINIZ, Lincoln. da e CASTILHO, C. J. M. (2009, mai/ago). Faces actuais do Espaço Comercial em Campina Grande/PB: Algumas considerações sobre a coexistência de formas modernas e tradicionais do comércio na “Nova” dinâmica socioespacial. In: Revista de Geografia. UFPE – DCG/NAPA, Recife. v. 26, no 2, Pp. 44-53.

<sup>22</sup> Os cocos são ralados para “facilitar a vida” do freguês.

<sup>23</sup> Hoje em dia ainda existem alguns, a exemplo de Seu Francisco. No entanto, os carregadores fazem cada vez mais uso de carrinhos de mão utilizados também em construções civis.

<sup>24</sup> MONTEIRO, Manoel. *Campina dos meus amores: ode à Rainha da Borborema* (cordel). 3 ed. Campina Grande, Martins, 2006.

<sup>25</sup> SILVA, Valmir Pereira da. *Artes de Fazer a Feira: práticas e representações de negociação na Feira Central de Campina Grande (PB)*. UFCG. 2005: pp. 17-18. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Universidade Federal de Campina Grande-PB.

<sup>26</sup>DINIZ, Lincoln da Silva. *As bodegas da cidade de Campina Grande: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro de José Pinheiro*. (Dissertação de Mestrado em Geografia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2004: pp.47-48.

<sup>27</sup>MERCHEZAN, E. (2006, 11 de Outubro). Feira Central é a maior da região. Na feira encontra-se de tudo: de roupa a utensílios domésticos, além dos gêneros alimentícios. Local atrai compradores de bairros campinenses e de todo o interior paraibano, atraídos pelos preços mais em conta. Jornal da Paraíba. Campina Grande-PB, p.3. Apud: ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Requalificação espacial e Elaboração de Inventário imaterial: duas experiências em andamento na centenária Feira Central de Campina Grande-PB*. In: VI Congresso Internacional de História. Maringá-PR, 2013.

<sup>28</sup> O programa foi apresentado em 2007 pela Tv Itararé, filiada da TV Cultura, diretamente do Mercado Central.